

Cumbuca

Aracaju - Ano III • Nº 9 Março/15 R\$15,00

COMBUSTÍVEL
CRIATIVO

ISSN 2337-5437



EDISE



EDISE

Expediente



Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico

Clara Macedo

Felipe Ferreira

José Clécio

Designers Convidados: Gil Neto e Marcos Ribas

Ilustradores: Antônio da Cruz, Nicolas Almeida,

Felipe Ferreira e José Clécio

Revisão

Rosilene Santos

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Assessoria Técnica

Jeferson Melo

Consultores nesta edição:

Ana Libório

Carlos Cauê

Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Antonio Nahud (escritor) • Carlos Cauê (jornalista e poeta) • Léo A. Mitteraquís (crítico de artes) • Ludovice José (jornalista) • Sílvia Leroy (pesquisadora) • Juliana Almeida (jornalista) • Marcolino Joe (agente cultural) • Enrico Giovani Allievi (jornalista) • Marcos Cardoso (jornalista) • Petrônio Gomes (cronista) • Paulo Fernando Morais (contista)

Cumbuca

Ano III | Número 9

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Paulo Sergio Araujo Santos

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Carlos Alberto Leite Prado

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

sumário

Ao Leitor

O escritor Antonio Nahud abre esta edição com um precioso texto sobre o uso de entorpecentes por alguns dos maiores nomes da literatura universal, demonstrando que as drogas sempre foram, e continuam sendo, um poderoso “combustível criativo” para escritores e poetas. Ainda abordando a literatura, Cumbuca traz uma notícia sobre o Salão do Livro em Paris que, neste 2015, homenageou o Brasil e, ademais, publica uma mostra da obra poética do sergipano Nicolas Almeida, além do excelente conto memorialista do escritor Paulo Fernando Moraes, “Baleado aos Domingos”.

O estrategista político Rosalvo Alexandre, uma das mais atuantes figuras no movimento de resistência democrática aos desmandos da Ditadura Militar em Sergipe, é homenageado, aqui, em dois textos produzidos pelo jornalista Carlos Cauê: o primeiro, situando-o historicamente e o segundo, relatando suas experiências como cidadão perseguido e preso pelos militares, durante a “Operação Cajueiro”.

Duas crônicas nesta edição reavivam a memória dos sergipanos: “O Cinema Guarany”, escrito por Petrônio Gomes, e “Um Alemão em Nossa História”, produzido pelo jornalista Marcos Cardoso.

O “Rock Sertão”, realizado anualmente na cidade sergipana de Nossa Senhora da Glória desde 2001, é abordado, aqui, em matéria assinada pelo produtor cultural Marcolino Joe, e os sucessos do Conjunto de Música Antiga Renantique, em atividade há 19 anos, são descritos pela jornalista Juliana Almeida em brilhante texto. Já o jornalista Enrico Giovani Allievi brinda-nos com algumas curiosidades da inesquecível carreira dos Beatles.

Na área das artes plásticas, o jornalista Luduvice José discorre sobre a obra do pintor José Fernandes e o experiente crítico de artes, Léo Mittaraquis, escreve sobre a multifacetada obra de Willy Valenzuela. Cumbuca apresenta, também, uma seleção de trabalhos do jovem pintor Flávio Antonini, radicado na cidade de Tobias Barreto, no interior sergipano.

Boa leitura!

Amaral Cavalcante
Editor

26 - WILLY. O ESPANTO DIANTE DO DESCARTE COMO MOTIVO PARA O OBJETO DE ARTE

Léo A. Mittaraquis

48 - BRASIL, CONVIDADO DE HONRA DO SALÃO DO LIVRO EM PARIS

Silvia Leroy

52 - POESIA

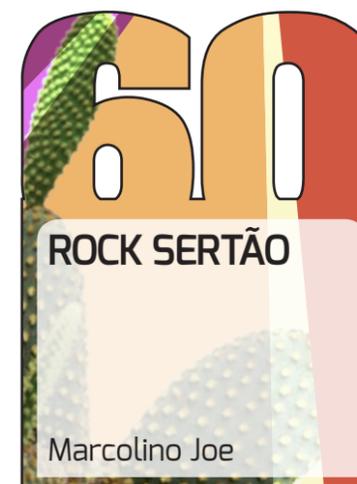
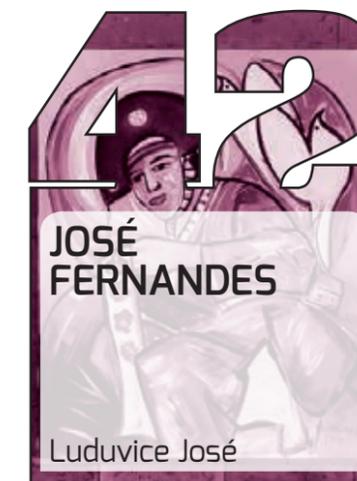
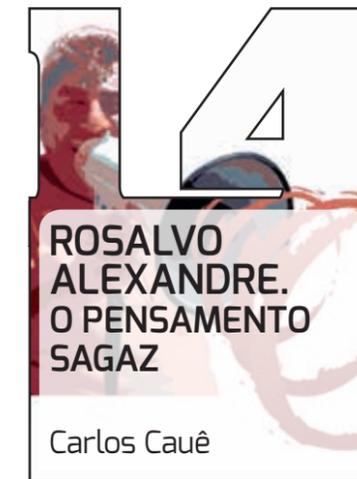
Nicolas Almeida

70 - UM ALEMÃO EM NOSSA HISTÓRIA

Marcos Cardoso

76 - BALEADO AOS DOMINGOS

Paulo Fernando Moraes





COMBUSTÍVEL CRIATIVO

escritores sob o
efeito de drogas

Por Antonio Nahud

Muitos escritores, dos mais importantes, usaram drogas, e ainda escreveram obras inteiras sob influência delas. Seriam as drogas alguma espécie de combustível criativo? Charles Baudelaire, em “Paraísos Artificiais”, argumenta que o artista não pode depender de um veneno – como ele mesmo define as drogas – para pensar; porém não é novidade que, quando sob o efeito de substâncias que alteram a percepção, é possível ver as coisas de formas diferentes, fator este que, conseqüentemente, amplia a visão do escritor. Apesar de, obviamente, não ser necessário o uso de substâncias químicas para escrever, inúmeros escritores parecem precisar usar tais substâncias. Seria consequência da ansiedade daqueles que questionam, talvez demais, o mundo a seu redor, por isso sentem a necessidade de escrever, e assim também a necessidade de se entorpecer de alguma forma? Bem, cada um usa drogas por seus próprios motivos, e não é válido julgar que é exatamente por esta ou por outras razões, mas o certo é que há uma forte presença do uso das drogas entre os escritores.



As drogas desde há quase um século, pelo menos, tem sido um assunto de rejeição social. Nem sempre foi assim, no entanto. Desde os primórdios, a humanidade faz uso dessas substâncias, e somente no último século, devido a aspectos legais, a proibição veio a ser a tônica do discurso popular e científico. O abuso de drogas (incluindo o álcool) pode ser diretamente relacionado com o sucesso de alguns dos escritores mais admirados do mundo. Ernest Hemingway é amplamente conhecido como um alcoólatra desesperado e trágico; Aldous Huxley defendia o LSD (a banda The Doors leva o nome de seu livro “The Doors of Perception”); Edgar Allan Poe e Lewis Carroll foram alguns dos consumidores de ópio mais prolíficos da literatura. Sir Arthur Conan Doyle foi um famoso viciado em cocaína, cujas condições de usuário ele transfere para seu personagem mais ilustre, o detetive Sherlock Holmes.

Sobre a cocaína, cita-se Sigmund Freud e seu entusiasmo com a substância, da qual foi um defensor, e provavelmente um usuário durante toda sua vida; ainda assim, um dos mais brilhantes sujeitos de todos os tempos. O filósofo Jean-Paul Sartre

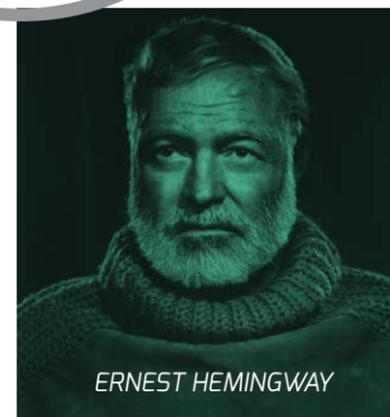
é frequentemente lembrado pelo uso constante de drogas, entre as quais corydrane, composto de anfetamina e aspirina. Segundo a biógrafa Annie Cohen-Solal, ele acordava com uma xícara de café e um tablete de corydrane, depois dois, três – quantos fossem necessários enquanto durasse a escrita. Dessa maneira escreveu *A Crítica da Razão Dialética*, entre outros livros.

A literatura mundial seria provavelmente bem mais pobre se os escritores fossem disciplinados. Pó branco, cogumelo mágico ou erva maldita, as drogas resultaram em liberação para muitos autores. E perdição. Os poetas românticos foram os primeiros a explorar o misterioso mundo do inconsciente. Os “Hinos à Noite” de Novalis nasceram sob o efeito do ópio. Também o escocês Robert Louis Stevenson inventou num delírio alucinótico a dupla personalidade de seu *O Médico e o Monstro*. E, na França, um grupo de poetas/escritores – Charles Baudelaire, Théophile Gautier, Victor Hugo, Charles Baudelaire, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas etc. – criou um “Clube do Haxixe”.

A experimentação com alucinógenos, visando escrever melhor, levou muitos autores

à dependência. Como prova o caso de Benjamin von Stuckrad-Barre, celebrado literato pop de nossos dias. Em entrevista a um jornal, em 2004, ele reconheceu como chegou à beira do abismo, através do consumo de cocaína, esperando recolher material para um romance borbulhante de vida. Até reconhecer – ainda a tempo: “Meu instrumento de trabalho, o cérebro, está em jogo”. Outros não acharam mais a saída para a dependência: Georg Trakl, Klaus Mann, Hans Fallada, Jack Kerouac, Irmgard Keun, Joseph Roth etc. Esses e muitos outros autores morreram em consequência do consumo excessivo de álcool ou narcóticos. Friedrich Glauser, morto pela morfina aos 42 anos de idade, não se iludia quanto ao fim da história: “Todas as justificativas inventadas para justificar o vício são muito bonitas do ponto de vista literário ou poético. Concretamente, é uma desgraça. Pois a pessoa se arruína, a si e a sua vida.”

Portanto, segue uma breve lista com alguns (só alguns, é quase impossível lembrar-se de todos eles) dos mais importantes escritores que já usaram drogas – e que até já escreveram grandes obras sob sua influência.



ERNEST HEMINGWAY

ERNEST HEMINGWAY
(EUA. 1899 – 1961)

Quando falam de Hemingway, muitos o associam facilmente à bebida. São diversas as frases do escritor relacionadas ao assunto, como: “Eu bebo para tornar as outras pessoas mais interessantes” ou “Para conviver com os tolos, um homem inteligente precisa beber”. Suas bebidas preferidas eram o absinto, rum, mojito e também uma versão especial de daiquiri, que hoje é chamada de “Special Hemingway”. O escritor, que bebia excessivamente em decorrência da depressão (ou vice-versa), suicidou-se em 1961.



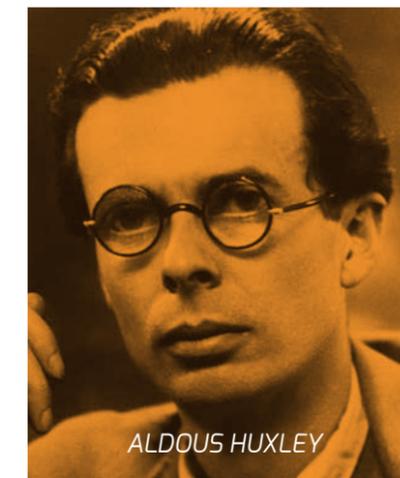
EDNA ST. VINCENT MILLAY

JOHN KEATS
(Inglaterra. 1795 – 1821)

Viciado em ópio, sua poesia recria devaneios e visões experimentadas durante transe do narcótico. Faleceu muito cedo, aos 25 anos, deixando uma vasta coleção de obras poéticas.

EDNA ST. VINCENT MILLAY
(EUA. 1892 – 1950)

Poeta lírica e dramaturga, vencedora do Premio Pulitzer na categoria poesia, ficou também conhecida pelo seu estilo de vida boêmio, pouco convencional para a época, e pelos seus inúmeros casos amorosos. Era bissexual e bebia sem limites.



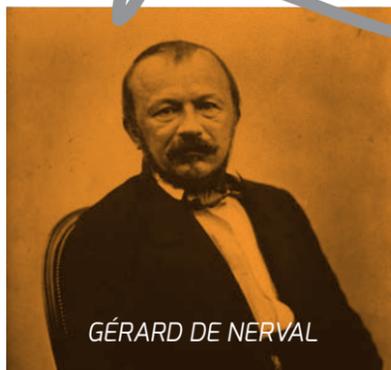
ALDOUS HUXLEY

ALDOUS HUXLEY
(Inglaterra. 1894-1963)

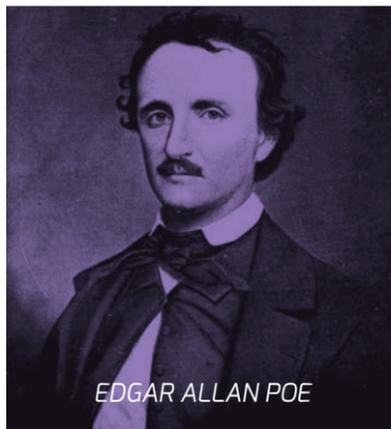
O autor do famoso *Admirável Mundo Novo* considerava o LSD e outros alucinógenos como portais para percepções espirituais profundas, místicas. Ele escreveu “As Portas da Percepção”, na qual descreve experiências com o uso de drogas como o ácido lisérgico, a mescalina, entre outras. Huxley disse, em uma entrevista à Paris Review, em 1960, que, indiretamente, o uso de tais substâncias pode ajudar no processo criativo, mas não de forma que alguém possa dizer “agora vou tomar um ácido para escrever um poema brilhante”, isso ele não acreditava que funcionasse. Quando estava nos estágios finais de um câncer na garganta, escreveu um bilhete para a esposa pedindo-lhe para injetá-lo com 100 mg de LSD. Foi o que ela fez, e ele morreu pacificamente dentro de algumas horas.

GÉRARD DE NERVAL
(França. 1808 – 1865)

Poeta romântico que fez parte do círculo boêmio de Charles Baudelaire. O grupo ficou famoso pela criação artística e por realizar experiências com drogas. A sua obra poética é marcada por atmosfera simbolista, que em parte reflete seu fascínio pelos sonhos (que considerava como viagens para "outra vida"). Apesar do grande talento e sensibilidade, era mentalmente instável e foi internado em sanatório durante episódios psicóticos. Suicidou-se após uma longa luta contra a esquizofrenia.



GÉRARD DE NERVAL



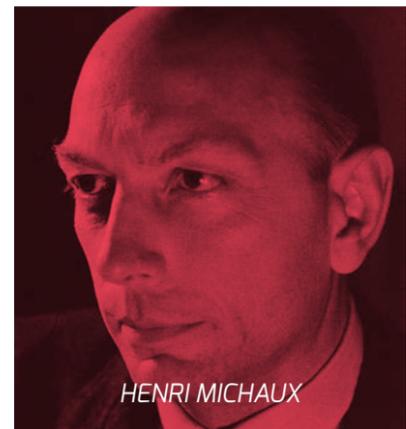
EDGAR ALLAN POE

EDGAR ALLAN POE
(EUA. 1809 – 1849)

O escritor passou por diversos dilemas sérios no decorrer de sua vida, e entre eles (ou talvez em decorrer deles) estavam a dependência do álcool e do ópio. Poe inclusive mostra, em alguns de seus contos como "Berenice" e "Ligéia", protagonistas dependentes do ópio. O escritor também usava láudano (uma combinação que mistura ópio, álcool, morfina e codeína), e foi isso que utilizou em sua tentativa de suicídio, em 15 de novembro de 1848, um ano antes de sua morte.

ROBERT LOUIS STEVENSON
(Escócia. 1850 – 1894)

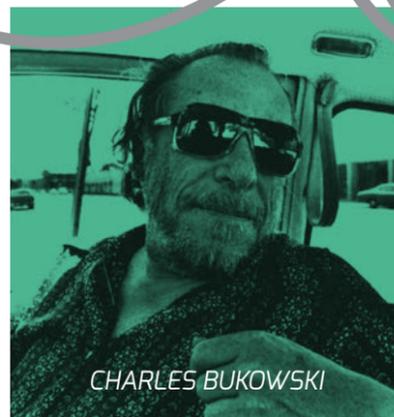
Escreveu *O Médico e o Monstro* em seis dias e seis noites num frenesi de cocaína.



HENRI MICHAUX

HENRI MICHAUX
(Bélgica. 1899 - 1984)

Escritor, poeta e pintor, explorou o eu interior e o sofrimento humano através de sonhos, fantasias e experiências com drogas. Usava mescalina, uma droga que altera a percepção do tempo e cria alucinações visuais. Nos anos 1960, fez um filme sobre o haxixe e a mescalina.



CHARLES BUKOWSKI

CHARLES BUKOWSKI
(Alemanha. 1920 – 1994)

O próprio já dizia: "Beber é algo emocional. Faz com que você saia da rotina do dia-a-dia, impede que tudo seja igual. Arranca você pra fora do seu corpo e de sua mente e o joga contra a parede. Eu tenho a impressão de que beber é uma forma de suicídio onde você é permitido voltar à vida e começar tudo de novo no dia seguinte. É como se matar e renascer. Acho que eu já vivi cerca de dez ou quinze mil vidas". Em suas obras há muitas referências ao álcool, assim como à maconha, apesar do escritor ter dito ser contra o uso de drogas, ele gostava realmente era de beber, de beber muito, inclusive defende o uso do álcool abertamente, dizendo que se não fosse a bebida, provavelmente teria se matado.

ELIZABETH BARRETT BROWNING
(Inglaterra. 1806 – 1861)

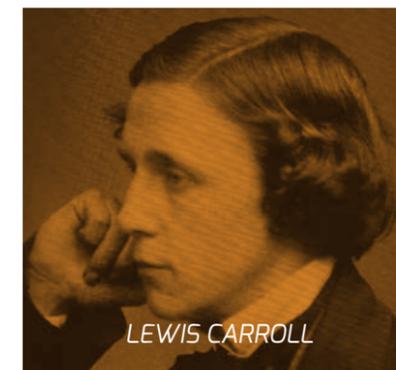
Autora de *The Seraphim and Other Poems* (1838) e *Poems* (1844), entre outros livros, tinha uma doença misteriosa e o seu tratamento com láudano lhe deixou com a saúde ainda mais debilitada, levando-a à morte.

HONORÉ DE BALZAC
(França. 1799 – 1855)

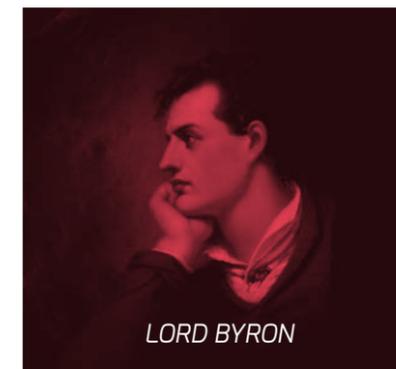
No século XIX, o haxixe virou moda entre intelectuais franceses. Eles se reuniam para fumar essa forma mais concentrada da maconha e pesquisar os efeitos da droga. Balzac foi um deles. Sua obra máxima, *A Comédia Humana*, é composta de 89 romances, novelas e histórias curtas.



JEAN COCTEAU



LEWIS CARROLL



LORD BYRON

JEAN COCTEAU
(França. 1889 – 1963)

Poeta, romancista, cineasta, designer, dramaturgo e diretor teatral, abandonou-se ao vício do ópio. O consumo da droga e os seus esforços para deixá-lo afetaram profundamente o seu estilo literário. O seu livro mais famoso, *Os Meninos Diabólicos*, foi escrito numa semana durante uma dolorosa tentativa de abandonar o ópio. Em *Ópio, Diário de Uma Desintoxicação*, narra a experiência da sua recuperação do vício. O relato, que inclui vívidas ilustrações a tinta, alterna entre as suas experiências diárias de ressaca da droga e comentários sobre a sociedade e os acontecimentos do mundo.



JIM CARROLL

JIM CARROLL
(EUA. 1949 – 2009)

Poeta autor de *Diário de Um Adolescente* e músico de punk rock, chegou a se prostituir para manter seu vício em heroína.

LEWIS CARROLL
(Inglaterra. 1832 – 1898)

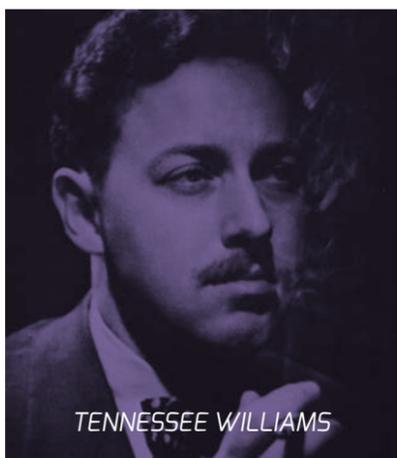
Todo mundo conhece *Alice no País das Maravilhas* (1865), que virou filme, peça de teatro e o que mais se possa imaginar. Seu autor, um professor de matemática da Universidade de Oxford, usava drogas alucinógenas e isso influenciou muito o livro, que tem uma narrativa surrealista onde tudo pode acontecer. Uma obra muito divertida, fantástica, e ao mesmo tempo maluca.

LORD BYRON
(Inglaterra. 1788 – 1824)

O célebre poeta romântico com sua figura jovem e bela vivia envolvido em escândalos. Tinha título de nobreza, vida dissoluta, rebeldia, amores bissexuais (entre esses uma ligação incestuosa) e usava drogas – ópio. Porém, toda essa vida conturbada é deixada de lado quando nos deparamos com seus maravilhosos poemas e por sua incontestável qualidade.

PAULO COELHO
(Brasil. 1947)

Ele nem sempre foi um "mago de luz", e durante o período que se dedicou ao satanismo, numa de suas épocas mais *dark*, o renomado autor fez uso de vários tipos de drogas, entre elas cocaína, LSD e maconha.



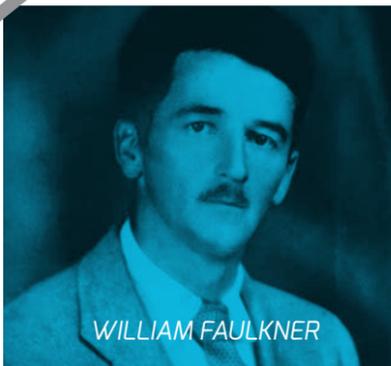
TENNESSEE WILLIAMS

TENNESSEE WILLIAMS
(EUA. 1911 – 1983)

Vencedor do prêmio Pulitzer, suas obras tornaram-se clássicos, referências essenciais para atores e amantes do teatro no mundo inteiro. Era alcoólatra e tinha dependência química de anfetaminas e barbitúricos. Foi encontrado morto num quarto do Hotel Elysée, em Nova York.

THOMAS DE QUINCEY
(Inglaterra. 1785 – 1859)

Sua autobiografia chama-se *Confissões de Um Comedor de Ópio*. Também usava láudano. Quando estava sem se entorpecer, sua produção literária decaía, o que demonstra a importância das drogas em sua vida. Baudelaire foi fortemente influenciado por ele, e em *Paraísos Artificiais* há diversas citações da biografia deste.



WILLIAM FAULKNER

WILLIAM FAULKNER
(EUA. 1897 – 1962)

Em 1954, esteve no Brasil, quase sempre bêbado. Certo dia, segundo uma das versões, teria perguntado: "O que estou fazendo em Chicago?". A história de sua visita ao Brasil, quatro anos depois de ter recebido o Nobel de Literatura, é contada, de modo romancado, no livro *Dias de Faulkner*, de Antônio Dutra. "As ferramentas de que preciso para meu trabalho são papel, tabaco, comida e uísque", costumava dizer. Viveu episódios terríveis de alcoolismo e foi submetido à terapia do choque elétrico para se curar da depressão. Morreu de um ataque cardíaco induzido por doses exageradas de bourbon.



SAMUEL COLERIDGE

SAMUEL COLERIDGE
(Inglaterra. 1772 - 1834)

Láudano e ópio eram as drogas preferidas do autor de *A Balada do Velho Marinheiro*, um dos poemas épicos mais fortemente influenciado pelo uso de drogas. Ele pertencia ao mesmo círculo social de Quincey, que chegou a escrever um ensaio sobre Coleridge e seu uso excessivo de ópio.

TRUMAN CAPOTE
(EUA. 1924 – 1984)

Morreu por causa dos vícios (álcool, cocaína e barbitúricos). Sua vida foi tão polêmica como grandes foram suas obras, entre elas *Bonequinha de Luxo*. Pai do romance de "não ficção", criou um novo gênero literário. Algumas de seus livros foram levados para o cinema. Possuía uma língua afiada e provocativa, cultivando a imagem de escritor maldito. Ele inventou até um "Cocktail Capote", uma mistura de álcool e barbitúricos. O consumo de álcool o levou a ter muitos problemas pessoais, além de outros com a polícia, que o deteve várias vezes por dirigir bêbado.

JAMES ELLROY
(EUA. 1948)

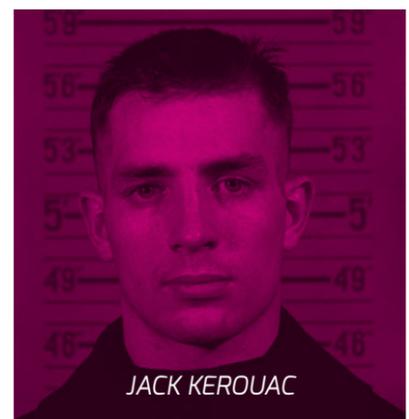
Ícone moderno da literatura policial. Teve a mãe assassinada, num crime sem solução até hoje. Praticou pequenos furtos e delitos, vivendo em meio a problemas policiais. Utilizava drogas como o benzedrex e álcool, muito álcool.

PHILIP K. DICK
(EUA. 1928 – 1982)

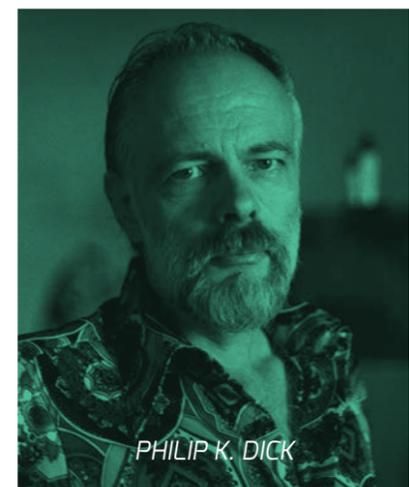
Autor de ficção científica, muito produtivo na década de 1960, gostava de diversos alucinógenos, entre eles o semoxydrine.

JACK KEROUAC
(EUA. 1922 – 1969)

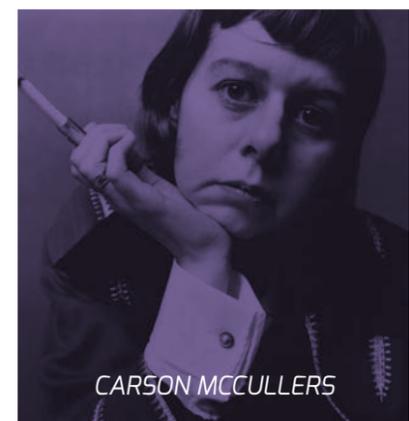
Um dos maiores escritores da famosa Geração Beat, escreveu muito vezes sob efeito de drogas. Seu amigo, o poeta Allen Ginsberg, comentou que o próprio Kerouac disse que sentia que conseguia escrever com mais facilidade dessa forma. Muitos de seus romances, entre eles, o aclamado *Pé na Estrada / On the Road*, foram escritos sob a influência de benzedrina, entre outras drogas. Também bebia muito, o que pode ser considerado um suicídio lento, uma vez que o escritor chegou a declarar que, por ser católico, não podia cometer suicídio, mas podia beber até a morte. E foi o que ele realmente fez: sofreu uma hemorragia de varizes no esôfago, o que o levou a fazer 26 transfusões de sangue, e foi em virtude do alcoolismo que morreu.



JACK KEROUAC



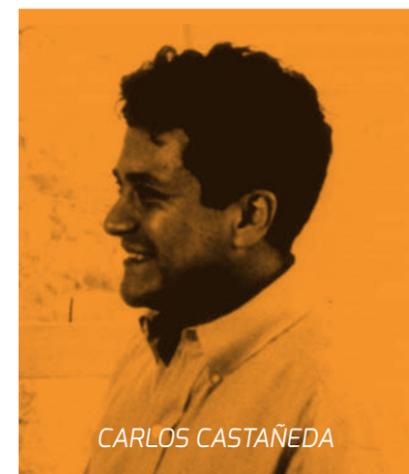
PHILIP K. DICK



CARSON MCCULLERS

CARSON MCCULLERS
(EUA. 1917 – 1967)

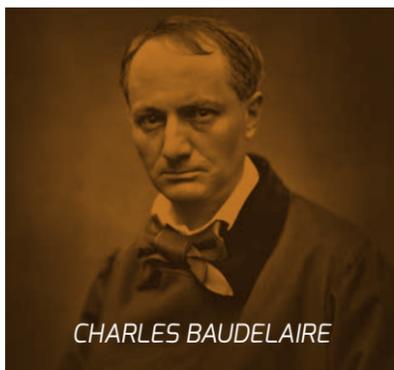
Ela não teve uma vida nada fácil. Um marido suicida, o alcoolismo e vinte anos com o lado esquerdo paralisado. Seus livros, a começar por *O Coração é Um Caçador Solitário*, que escreveu aos 23 anos, e foi inesperado sucesso de público e crítica, contam histórias de personagens vivendo à margem da sociedade. Alguns porque não conseguem se adaptar, outros porque têm algum tipo de deformidade física ou moral. Morreu de alcoolismo, enrolada num cobertor, em uma cadeira do convés de um navio.



CARLOS CASTAÑEDA

CARLOS CASTAÑEDA
(Peru. 1925 – 1998)

Foi um dos autores mais lidos e mais famosos ao redor do mundo. No entanto, pouco se sabe sobre sua vida pessoal. O autor de *O Poder do Silêncio* sempre teve o cuidado de resguardar-se das pressões contraditórias e desencontradas da sociedade de consumo. Ele mantinha uma cuidadosa cortina de desinformação em torno da sua pessoa. Somente em língua portuguesa, os livros de Castaneda venderam até 1998 cerca de 600.000 exemplares. No mundo, o total ficava entre dez e vinte milhões de volumes. Mas não recebeu apenas aplausos. Era conhecido como o "guru das drogas", principalmente das plantas psicotrópicas. Numa entrevista, disse: "Paguei um alto preço, meu corpo ficou debilitado, e precisei de muitos meses para recuperar-me. Sofria de ansiedade e funcionava a um nível muito baixo. Se tivesse me comportado como um guerreiro, aceitando a responsabilidade, não teria sido necessário tomá-las". O escritor usava peiote (cacto de onde se origina uma droga que causa alucinações).



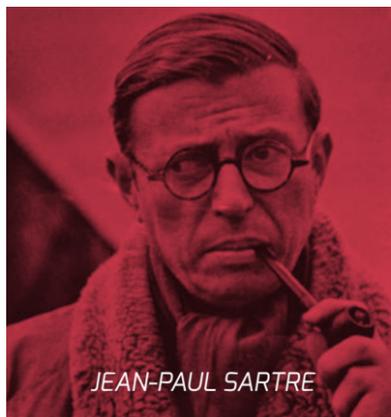
CHARLES BAUDELAIRE

CHARLES BAUDELAIRE
(França. 1821 – 1867)

Famoso por sua poesia ligada ao vinho e às drogas, escreveu *Paraísos Artificiais*, na qual narra sobre as experiências geradas pelo uso do haxixe, ópio e vinho. Inclusive, fez parte de um grupo chamado “Clube do Haxixe”, que se reunia, obviamente, para usar a droga. Baudelaire narra, de forma lírica, em sua obra, diversas formas como o haxixe, o ópio e o vinho, mas principalmente o primeiro, pode ampliar a percepção do artista, iluminando sua inteligência. Porém, no fim do livro, ele condena o uso de substâncias como auxílio à criatividade, dizendo: “Aquele que puder recorrer a um veneno para pensar, em breve não poderá mais pensar sem o veneno. É possível imaginar o terrível destino de um homem cuja imaginação paralisada não soubesse mais funcionar sem o recurso do haxixe ou do ópio?”.

JEAN-PAUL SARTRE
(França. 1905 – 1980)

O escritor e filósofo era viciado em uma substância que alucinou muitos hippies nos anos 1960: a mescalina. Começou a consumi-la em 1935 e, a partir desse momento, libertou-se dos famosos “bloqueios de escritor”. A mescalina teve papel fundamental enquanto escrevia seu livro mais conhecido, *A Náusea*. Como efeitos secundários, era acossado pela alucinação de lagostas que o perseguiram por todos os lados, referindo-se a elas como “minhas pequenas”. Era também viciado em anfetaminas.



JEAN-PAUL SARTRE



STEPHEN KING

STEPHEN KING
(EUA. 1947)

O mais famoso escritor de terror contemporâneo diz não se lembrar muito bem de como escreveu alguns de seus livros, pois na época – de 1979 a 1987 – andava mal por conta do uso de cocaína e álcool. Seu alcoolismo é até refletido em sua mais célebre obra, *O Iluminado*, na qual Jack Torrance mostra ter problemas com bebidas. Com a agravação do vício, sua família e amigos interviram e desde então ele está sóbrio.

HUNTER S. THOMPSON
(EUA. 1937 – 2005)

Para além do jornalista e escritor, ele ficou conhecido pelo consumo intensivo de bebidas alcoólicas, LSD, mescalina e cocaína, entre outras substâncias. Também era conhecido seu amor às armas de fogo e o ódio a Richard Nixon. Sofrendo graves problemas de saúde, cometeu suicídio aos 67 anos. Seu forte apreço pelo álcool lhe rendeu a fama de ter sido o fundador do jornalismo Gonzo, expressão que significa algo como “o último homem a permanecer em pé após muita bebida”, e como se isso não fosse o suficiente para colocá-lo com louvor nesta lista, ele até chegou, certa vez, a dizer: “Eu odeio recomendar drogas, álcool, violência ou insanidade para qualquer um, mas isso tudo sempre funcionou comigo.” Seu mais famoso livro, *Medo e Delírio em Las Vegas*, foi o resultado distorcido de uma matéria que ele ficara de fazer para uma revista, porém gastou o dinheiro da hospedagem em drogas e bebidas, e acabou escrevendo, em vez da matéria, um relato sobre seus dias de entorpecimento.

DYLAN THOMAS
(País de Gales. 1914 - 1953)

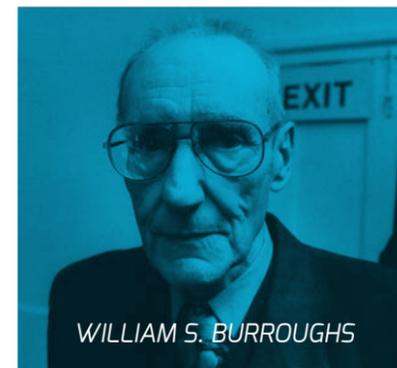
Sua poesia era pontuada por temas como as tradições celtas, as convenções das Sagradas Escrituras, o surrealismo britânico. Com o êxito de vendas de seus livros, vêm também o alcoolismo e os constantes débitos financeiros. De seus livros jorram densas emoções e paixões intensas. Aos 35 anos de idade mudou-se para os Estados Unidos, tornando-se uma lenda graças a embriaguez habitual, dramaticidade e romantismo incurável. Ele se transforma em um mito para os poetas que integram o conhecido “Movimento Beat”. Sua influência se estendeu até mesmo à esfera musical, marcando definitivamente o gênero pop. Dizem que Robert Allen Zimmerman assumiu o pseudônimo Bob Dylan como uma forma de prestar homenagem ao poeta do País de Gales. Morreu aos 39 anos, vítima do álcool. Pouco antes de falecer, já com a saúde abalada, teria consumido 18 doses de uísque.

W. H. AUDEN
(Inglaterra. 1907 – 1973)

Sempre referido como um dos grandes nomes da poesia do século XX, o poeta era alcoólatra e viciado em benzedrina (atua como estimulante no sistema nervoso central).

GOETHE
(Alemanha. 1749 – 1832)

Romancista, dramaturgo, poeta e filósofo, fez parte de dois movimentos literários importantes: romantismo e expressionismo. Sua grande obra foi *Fausto*, escrito em 1806. Baseada numa lenda, relata a vida de Dr. Fausto, que vende a alma para o diabo em troca de prazeres terrenos, riqueza e poderes ilimitados. Goethe utilizava ópio diariamente.



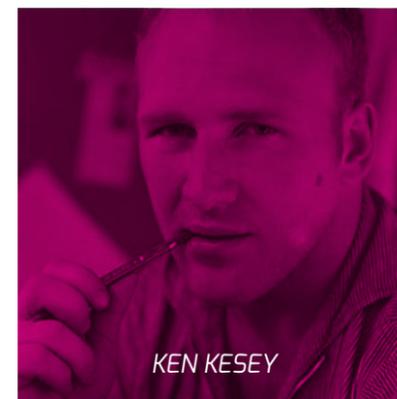
WILLIAM S. BURROUGHS

WILLIAM S. BURROUGHS
(EUA. 1914 – 1997)

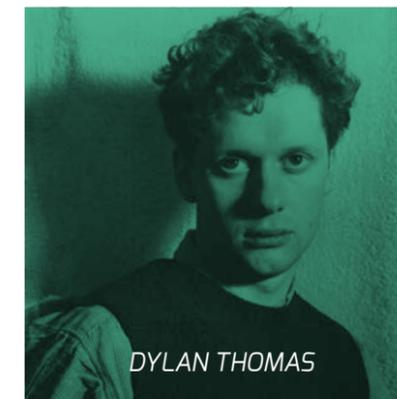
Para começo de conversa esse cara escreveu um livro chamado *Junkie*, entre outros clássicos de temática semelhante sob o efeito de drogas. Viciado abusivo de heroína e eukodol, era praticamente um escravo dessas substâncias, chegando a escrever ainda com as agulhas fincadas ao braço. No entanto, estava bêbado, e não chapado, quando atirou em sua esposa, matando-a, enquanto brincava de “Guilherme Tell” com uma arma carregada.

KEN KESEY
(EUA. 1935 – 2001)

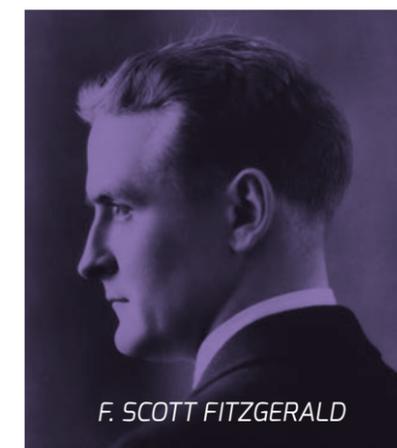
Autor do famoso *Um Estranho no Ninho*, fazia usos de LSD, mescalina, cocaína, peiote, entre outras drogas.



KEN KESEY



DYLAN THOMAS



F. SCOTT FITZGERALD

F. SCOTT FITZGERALD
(EUA. 1896 – 1940)

Principal cronista da vida da alta sociedade dos Estados Unidos nos anos 1920, por ele definida como *Era do Jazz*. Pelo estilo de vida farista, torna-se uma espécie de ídolo da chamada “Geração Perdida”, que proclama a falência do sonho norte-americano de uma sociedade harmônica. Em 1925, escreveu *O Grande Gatsby*, que hoje é considerado sua obra-prima, mas na época vendeu muito pouco. Também escreveu roteiros para filmes de Hollywood. Enfraquecido pelo álcool, tentou duas vezes o suicídio, morrendo jovem. **G**



ROSALVO ALEXANDRE

O pensamento sagaz

Parte 1

Por Carlos Cauê

O mundo da política sergipana conhece bem o personagem deste artigo. Ele se chama Rosalvo Alexandre de Lima Filho, 64 anos, e tem grande parte de sua trajetória humana ligada à luta pela redemocratização do Brasil, no pós-64. Sua militância política se deu sob influência do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão, agremiação clandestina que abrigou diversos militantes da esquerda brasileira durante a luta de resistência e combate ao regime militar e, simultaneamente, no MDB – Movimento Democrático Brasileiro – e em seguida no PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, pelo qual chegou a se eleger vereador de Aracaju, em 1982.

A biografia de Rosalvo Alexandre faz parte da imensa galeria de jovens que dedicaram suas vidas à causa da democracia no Brasil e que, aqui em Sergipe, compõem um dos mais belos momentos da história sergipana, quando uma geração de rapazes e moças, inconformada com o arbítrio que tomava conta do país, deu seus melhores anos pela liberdade, sonhando com um mundo mais igual e lutando contra uma ditadura que perseguiu, torturou, mutilou e matou milhares de brasileiros.

Rosalvo é um desses heróis. Mas ele não se deixou marcar pelo ódio ou pela dor que o terror do estado militar brasileiro espalhou sobre a nação. Não. Sua alma leve e brincalhona, seu jeito de ver com otimismo o mundo e

a vida, e sua confessa devoção aos prazeres do mundo fez dele um homem notável do ponto de vista humano, avesso às hipocrisias e convenções que limitam e engessam a fugacidade dos libertos.

Em seu discurso de posse, na Assembleia Legislativa, em 1º de janeiro, o governador Jackson Barreto fez questão de distingui-lo numa homenagem emocionante. Lembrou sua voz tonitruante, que lhe rendeu a alcunha pela qual até hoje é conhecido de muitos nas hostes políticas – Bôcão – e não esqueceu sua risada franca e, claro, sonora. Mas destacou, sobretudo, a fina argúcia do pensamento político de Rosalvo Alexandre e as preciosas análises com que ele, costumeiramente, contribui com os políticos sergipanos de todos os matizes. Sim, porque Rosalvo construiu uma das mais ramificadas e extensas interlocuções da política sergipana, com um trânsito formidável entre todos os partidos, situem-se eles no campo das esquerdas, centro ou da direita (só pra usar a distinção clássica que vigorou no país durante anos), o que faz dele um ouvinte privilegiado e, principalmente, um conselheiro político refinado e sagaz.

Isso se dá porque Rosalvo Alexandre é dono de uma inteligência reconhecidamente criativa e uma sensibilidade política incommum. Ele não se deixou engessar pelos dogmas das ideologias, nem das agremiações políticas às quais serviu e que o ajudaram a construir o seu pensamento. Dialé-

tico, conhecedor dos princípios sociais do marxismo, Rosalvo Alexandre viu o mundo mudar e mudou com ele; acompanhou com interesse legítimo e compromisso pessoal com a verdade as transformações que o mundo socialista sofreu e as formidáveis evoluções tecnológicas que alcançaram a humanidade, sobretudo, a partir dos anos 90. E se tudo isso iria erodir parte das suas convicções, iria também, ao mesmo tempo, ampliar seu espectro de absorção da realidade, direcionando sua sensibilidade e inteligência para outras dimensões da vida humana.

Transitou, sem *parti pris*, da militância radical na clandestinidade – que lhe valeu prisão, tortura e julgamento durante aquela que ficou conhecida como Operação Cajueiro, um extemporâneo estertor da ditadura em 1976 – à desabrada experiência no movimento Esquerda Erótica, acompanhando um momento de reflexão e certo desnorreamento que parte da esquerda brasileira viveu ao final do regime militar, direcionando suas energias para causas do corpo e do prazer.

Irrequieto, Rosalvo logo dominou as chaves da compreensão do momento político que o país atravessava – agora já sem a ditadura, a barreira que norteava a luta popular durante vinte e cinco anos – e direcionou sua bússola política para o norte da luta pela consolidação da democracia, pela afirmação da democracia como um valor universal.

Sua voz tonitruante lhe rendeu a alcunha pela qual até hoje é conhecido de muitos nas hostes políticas como o nome de Bocão.

Ele entendeu que a luta política no país iniciava um novo ciclo e exigia outro modo de militância, mais em acordo com os novos tempos. Teve a coragem de abdicar de veleidades parlamentares e decidiu não mais concorrer a eleições. Também desistiu de exercer cargos públicos, afastou-se da ideia de ocupar o que ele mesmo intitula como “sinecuras oficiais”, e soube equilibrar, talvez como nenhum outro político, o amor à vida em suas variadas vertentes: a dedicação a um ideal e ao outro, e a devoção aos prazeres que a vida oferece. A partir de pressupostos como esses, organizou um novo nível de militância política, extremamente pessoal e coerente com seu jeito de ser.

Sua capacidade de observação e compreensão dos movimentos da sociedade fez dele um *expert* quando o assunto é Aracaju. Poucos políticos sergipanos enten-

dem a sociologia da nossa capital e alma dos aracajuanos como ele. E se isso é fruto de uma longa vivência na cidade, é também resultado do acompanhamento meticuloso e seu integral envolvimento com os processos políticos e eleitorais na nossa urbe.

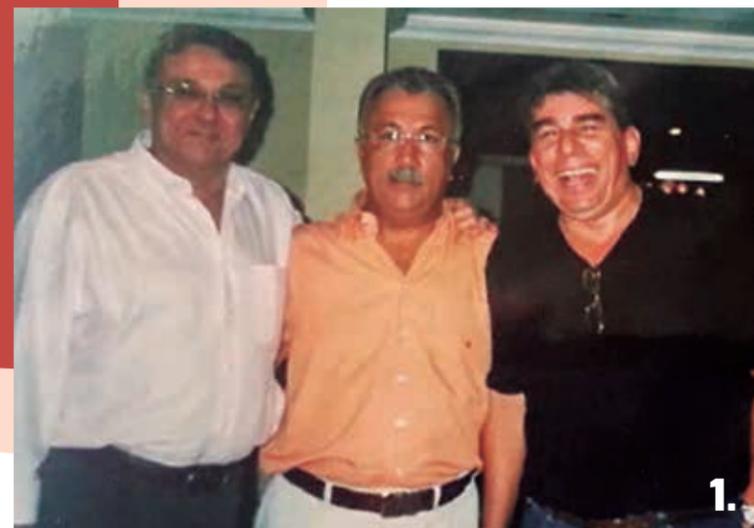
Isso vem desde a primeira campanha de Jackson Barreto a prefeito de Aracaju, quando ele pôde acompanhar de perto todo o processo eleitoral e, posteriormente, a edificação de uma administração que iria não só marcar época em nosso estado, como também ser um divisor do modo de gerir a capital. Rosalvo viu e participou desse novo modelo, matriz de um tipo de gestão que se estendeu por todo o restante dos anos 80 e se prolongou até o século XXI, quando finalmente o Partido dos Trabalhadores assumiu o poder municipal, em 2001, com Marcelo Déda, ad-

mirador e aprendiz confesso daquela experiência inovadora que Jackson iniciou em 1985, e que viria ser o renovador dessa matriz.

Ao longo de todo o percurso, que vai de 1985 a 2012, com variantes de presença de maior ou de menor intensidade, a depender das diversas conjunturas, podemos dizer sem medo de er-

“
Rosalvo construiu uma das mais ramificadas e extensas interlocuções da política sergipana, com um trânsito formidável entre todos os partidos.

1. Da esquerda para a direita, João Gama, Jackson Barreto e Rosalvo Alexandre.



rar – e permitam a confissão: este signatário testemunhou esse fato inúmeras vezes – que o pensamento político de Rosalvo Alexandre foi sempre partícipe do comando dos destinos da nossa capital, através das inúmeras e relevantes contribuições políticas que ele proporcionou aos diversos ocupantes do Palácio Ignácio Barbosa nesse período.

Da experiência transformadora de Jackson Barreto, em 1985, à administração de Edvaldo Nogueira, até 2012, todos os prefeitos de Aracaju beberam da preciosa sabedoria e da experiência política desse homem que aprendeu a entender a alma de seu povo e é, como, no dizer do próprio Marcelo Déda, “um gênio borbulhante da raça”.

É por isso que diversos governadores, prefeitos, senadores, deputados, vereadores, políticos em geral têm nele uma referên-

cia política inconteste, e ao longo de décadas têm-no buscado para apurar suas reflexões, ouvi-lo sobre os mais variados temas da política local ou nacional e construir suas posições políticas a partir da consulta a essa espécie de oráculo que ele se tornou.

Rosalvo é um polemista por natureza e um organizador competente. No Partidão, foi secretário de organização, o que lhe deu experiência e conhecimento sobre o fenômeno social. Conhecedor profundo dos movimentos de massa, destacou-se ao longo de sua carreira política como um grande mobilizador das gentes, e usou esse seu potencial a serviço de diversas causas, políticos e gestões administrativas. Muitos movimentos sociais vividos em Sergipe tiveram sua gênese e seu desenrolar-se por ideia, estímulo e ação desse “agitador das massas”, como ele gosta de ser reconhecido.

Ele é mais do que isso. Rosalvo Alexandre é um agitador de mentes, as mais diversas. Sejam as de jovens conflagrados com dúvidas e ansiedades adolescentes, que encontram nele a agitação dos mares modernos, capaz de abrigar toda subversão comportamental e redimi-las; sejam as de mulheres que se deixaram arrastar pela sedução de um homem que conjuga com tamanha equidade os eixos de uma vida libertina e sóbria, mas completamente apaixonante às suas existências; sejam as de políticos sequiosos por entender as leis que regem a trama do tecido político e sonham apoderarem-se deste tecido para vestirem a si ou aos outros; ou mesmo as de amigos, que empreenderam parte de suas vidas na companhia desse passageiro e aprenderam com ele a serem humanos. Mais humanos, talvez. 

ROSALVO ALEXANDRE

OPERAÇÃO CAJUEIRO Carnaval, tristeza e dor

Parte 2

Em meados dos anos 70, o Partidão – Partido Comunista Brasileiro, PCB – acreditava que os militares não tinham mais condições de continuar no comando do país e que o Brasil estava em processo do que eles chamariam de “abertura lenta e gradual”. Foi um erro. Em 1974 havia caído a gráfica do partido, no Rio de Janeiro, setor vital de qualquer agremiação clandestina na época, e os fatos que se seguiriam aqui em Sergipe (Operação Cajueiro) e na Bahia (Operação Acarajé), embora com ares de extemporaneidade, mostraram a força de que o aparato militar ainda dispunha e a mesma disposição para a truculência que havia caracterizado outros anos.

Na Operação baiana, os militares lograram apanhar o filho de Carlos Marighella, em 1975. Aqui em Sergipe, a Operação Cajueiro, deflagrada em 1976, foi dirigida pelo general Fiúza de Castro, comandante da 6ª Região Militar, que montou um comando paralelo e ocupou o 28º Batalhão de Caçadores, afastando o comando local. Os militares estavam preparados e a Operação posta em prática denotava que se tratava de meses de investigação, pois os militares tinham o mapa da organização em Sergipe e conheciam quase toda a sua estrutura, dispondo até de inúmeras fotos deles sozinhos ou juntos com outros militantes.

Entre os presos da Operação Cajueiro estavam, entre outros, nomes como Antônio Góis (Goisinho), Jackson de Sá Figueiredo, o ferroviário Carivaldo Lima Santos, Elias Pinho, Carlos Alberto Menezes e Milton Coelho, que viria a ficar cego pelas torturas sofridas. Estava também nosso personagem, o engenheiro agrônomo Rosalvo Alexandre de Lima Filho, à época com 24 anos, que depois de inúmeras peripécias e situações quase cinematográficas, foi finalmente detido em Viçosa-MG, para onde havia ido com a intenção de cursar o mestrado em Agronomia.

Sua casa aqui em Aracaju, onde morava com a esposa, Avelina Leila, e os dois filhos menores (Frederico de Lima, de dois anos e meio, e Maurício de Lima, com apenas seis meses de idade), foi alvo do ataque dos militares, que vigiavam de perto os passos do militante. Durante a invasão, Rosalvo não estava em Aracaju: tinha ido a Viçosa iniciar os trâmites do mestrado. Como a informação de que estavam sendo vigiados, havia se espalhado. Leila ainda conseguiu, dias antes, enterrar os livros e os documentos clandestinos do PCB no quintal da casa de uma irmã (Rosalvo era secretário de organização do Partido, portanto dispunha de farta documentação), e foi abrigar-se na casa de sua sogra. Por uma dessas fatalidades do destino, não conseguiu avisar a Rosalvo o que estava acontecendo, pois ele havia saído de um dos dois únicos hotéis que havia em Viçosa e decidido ir para a casa de Etélio de Carvalho Prado, agrônomo sergipano que residia na cidade. Para Leila, não encontrá-lo significava que ele havia caído.

Ainda não.

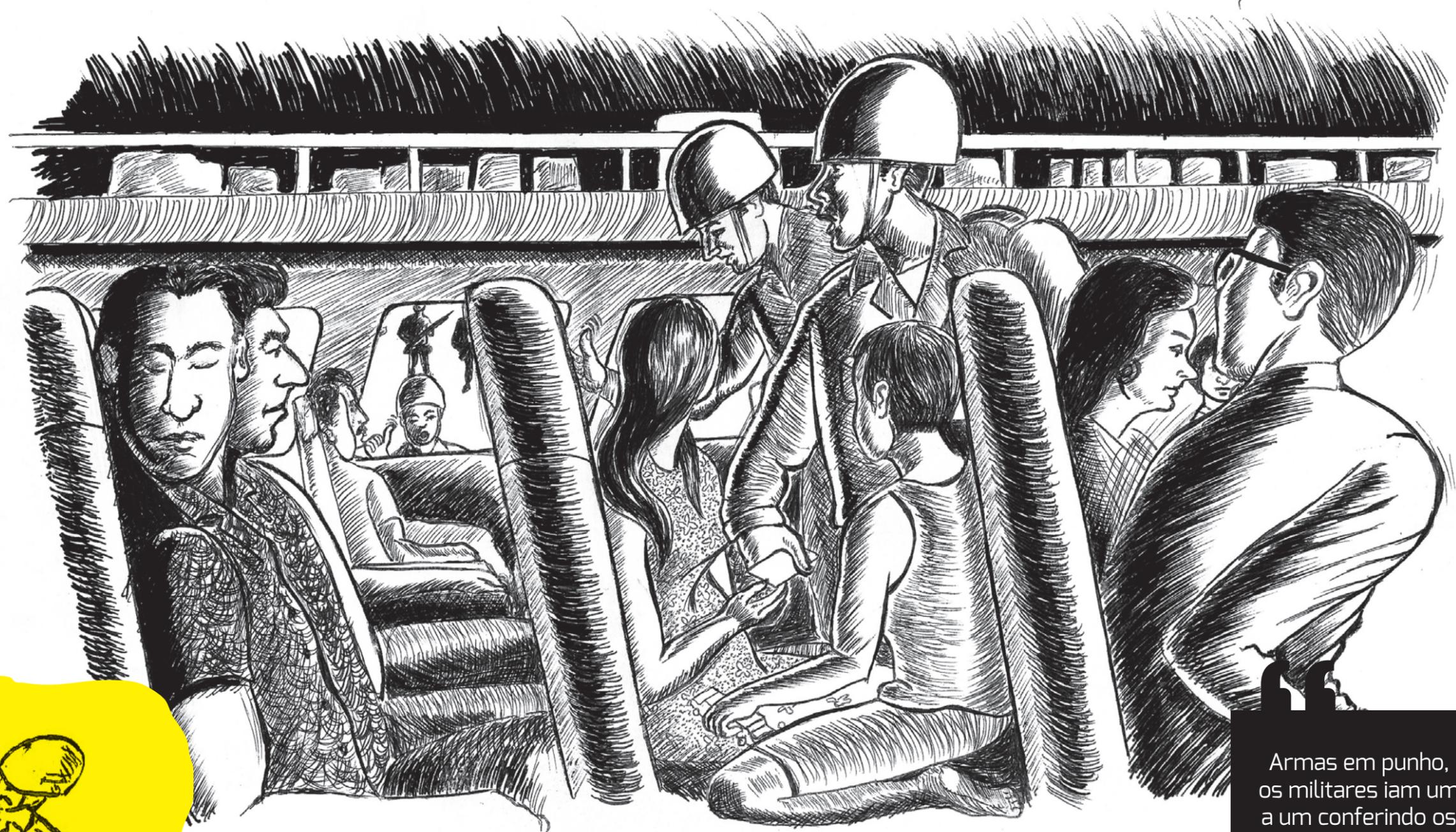
Alheio ao que acontecia em Sergipe, Rosalvo Alexandre saiu de Viçosa, dizendo ao seu hospedeiro que iria



Ilustrações: Antônio da Cruz

voltar a Aracaju, mas resolveu ir ao Rio de Janeiro procurar uma irmã, Madalena Lima, que morava em Niterói e que há tempos não via. De certo sobre o paradeiro da irmã só isso: que ela morava em Niterói e que seu marido tinha uma loja de móveis. Naquela época, diferente dos dias atuais, ainda se podia localizar um parente com tão poucas informações, mesmo no Rio de Janeiro. Rosalvo finalmente encontrou a loja de móveis do cunhado; e foi com uma grande surpresa que recebeu, poucos minutos depois de chegar à loja, um telefonema de Leila informando os fatos ocorridos: *todos caíram e estavam sendo torturados*.

A sentença pesou na alma de Rosalvo como uma bomba. Um



sinal de alerta se acendeu. Pela primeira vez, de um modo muito agudo e urgente, Rosalvo percebeu o bafo quente dos milicos no seu cangote.

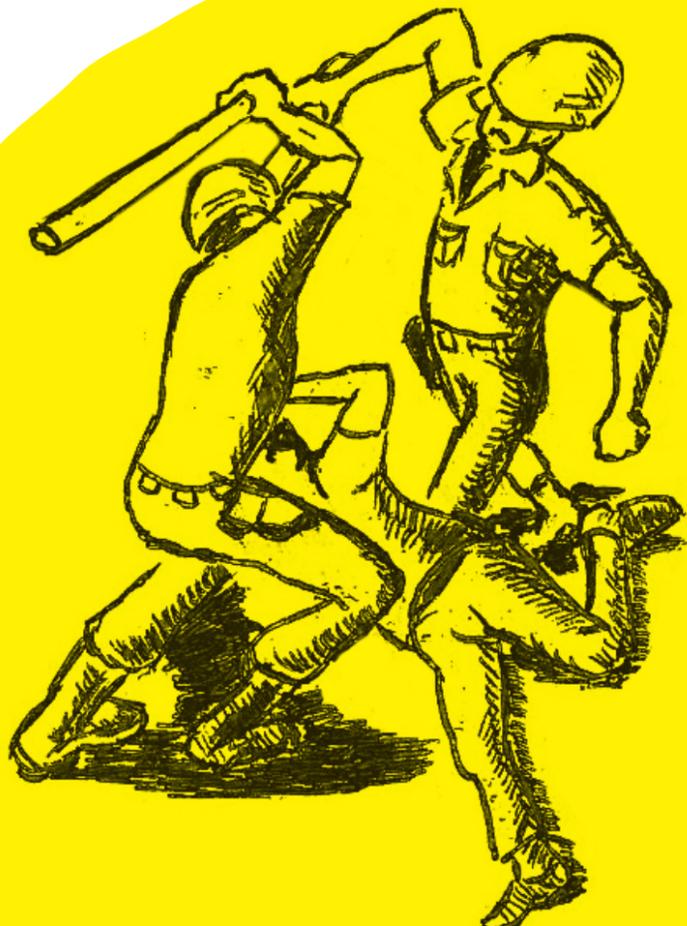
Ele não poderia permanecer em Niterói, junto àqueles familiares, que viviam uma realidade distante de sua vida partidária clandestina. Decidiu procurar o partido no Rio, onde morava outro irmão seu, Vivaldo Lima, e que era também do partido. Ele contou que a estrutura partidária

em Sergipe havia caído, que ele estava sendo procurado e pediu ajuda. A orientação do partido era clara. Havia três opções: pedir asilo político, entregando-se numa embaixada de um país amigo das causas; entrar-se na clandestinidade; ou se entregar em Aracaju e enfrentar a tortura do temível general Fiúza, velho conhecido da repressão.

Rosalvo tinha medo, mas optou por voltar a Aracaju e decidir aqui o que faria. Seu irmão Vi-

valdo o acompanhou na volta. Para tentar despistar a vigilância, tomaram um ônibus do Rio a Recife, mas combinaram descer em Estância. A viagem foi torturante. Rosalvo tinha medo. Aos seus olhos todos eram suspeitos. Em certa altura, já em Sergipe, as razões desse medo se concretizaram. Uma barreira policial parou o ônibus e iniciou uma revista aos passageiros, exigindo documentação. Armas em punho, os militares iam um a um

Armas em punho, os militares iam um a um conferindo os documentos dos passageiros. [...] Rosalvo sabia que ia ser inevitável a sua prisão. Escreveu um bilhete para Leila contando-lhe a prisão e o passou à passageira que sentava ao seu lado no banco.





conferindo os documentos dos passageiros. Com seu nome exposto entre os procurados, Rosalvo sabia que ia ser inevitável a sua prisão. Escreveu um bilhete para Leila contando-lhe a prisão e o passou à passageira que sentava ao seu lado no banco, junto com um revólver de brinquedo que levava pra Fred, seu filho mais velho. Tudo isso em silêncio, com movimentos lentos. Os militares aproximavam-se. Uma fileira de bancos, mais uma... Até que um dos soldados de fora gritou:

— É um ônibus pra Recife... Não tá aí, não!

A tropa desceu. Rosalvo e o irmão se acalmaram. Resolveram descer no posto Flexa e de lá seguiram, de táxi, para Aracaju. Pararam na Rua Sergipe, casa de D. Rosa, uma velha amiga da família. Ele explicou a situação à amiga e pediu pra esconder-se por uns dias. D. Rosa conseguiu avisar a Leila que Rosalvo estava em Aracaju. Leila vivia sob vigilância cerrada, mas foi encontrar o marido. Era carnaval. Leila botou uma peruca, meteu-se entre os corsos da época até que conseguiu despistar os soldados que lhe vigia-

Jackson também é comunista? Era Jackson quem financiava o partido em Sergipe? Manoel Hora é comunista? E assim sucessivamente, uma lista de nomes, que eles pediam para que ele confirmasse as ligações com o partido. Tudo isso, entremeadado de socos e pontapés.

vam e encontrou-se com o marido. Aquilo deu um novo ânimo a Rosalvo. Talvez nem tudo estivesse perdido.

Leila procurou os poucos amigos que não tinham sido presos, entre eles o jornalista Paulo Barbosa, correspondente d'O Estado de São Paulo, em Sergipe, e este foi peremptório no aconselhamento de que Rosalvo não devia se entregar aqui em Aracaju, devido às informações sobre tortu-

ras no 28º BC. Deveria fugir e se entregar em algum lugar do país que pudesse garantir a sua integridade física. Paulo achava que ele deveria voltar à Viçosa e seguir no mestrado, com sorte não sofreria qualquer tipo de admoestação.

Enquanto preparava essa fuga, a casa de Rosalvo, onde Leila morava com os filhos, foi invadida pelo Exército. Rosalvo teve que fugir às pressas e voltou a Viçosa. Planejava matricular-se no mestrado de agronomia e deixar a vida seguir seu curso. Em Viçosa, ele foi para a casa de outro sergipano que morava ali, Erivaldo Serpa, mas ao chegar lá, viu que a esposa de Serpa estava grávida e Rosalvo, temendo pela integridade dos amigos, decidiu hospedar-se num hotel. Quando foi tentar fazer sua matrícula, colegas estudantes informaram que em sua ficha havia uma anotação suspeita: “Ao Coronel Leo”. Ele não sabia quem era o coronel Leo, mas tinha plena consciência do que aquela anotação significava.

Às sete horas da manhã do dia seguinte, os militares estavam no hotel.

— Portaria! — gritou alguém de fora do quarto com um sotaque suspeitamente mineiro. Ele foi vestir a roupa dirigindo-se à porta e recebeu-a na cara. Sangue.

Dois milicos armados entraram fervendo. Um mais novo e um mais velho. Porrada pra todo lado. Cara, tórax, rins. Arma na cabeça. Algemaram-no, depois perceberam que ele ainda estava nu e permitiram que vestisse a roupa. Algemaram-no de novo. A disposição de Rosalvo não era reagir, mas os soldados não sabiam, por isso, ele surpreso e atordoado com o nível de violência, só repetia incessantemente: *precisava tudo isso? Precisava tudo isso?*

Havia um silêncio total no hotel. Rosalvo achou aquilo muito estranho, mas só entendeu quando desceu com os policiais. O hotel estava totalmente cercado de soldados do Tiro de Guerra de Viçosa, pois a informação dos militares era que se tratava de um

terrorista extremamente perigoso, que já houvera abatido diversos soldados em combate pessoal.

De Viçosa ele foi levado para a Polícia Federal, em Belo Horizonte, onde foram informados que não havia vaga, exceto um cubículo onde já estavam oito pessoas. A alternativa era botá-lo no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) de Minas Gerais. Rosalvo empalideceu. Quem militava contra a ditadura sabia muito bem o que o nome DOPS queria dizer e o medo que ele provocava nas pessoas. Depois de muita conversa, conseguiu manter-se na sede da PF, dividindo o cubículo com um boliviano, um peruano, dois estudantes e dois operários. Foi dessa época que Rosalvo desenvolveu uma diurese patológica, que com o tempo se agravou profundamente. Resultado da experiência de ter que urinar sob a mira de um revólver na cabeça.

Alguns dias depois, ao saber que o boliviano estava pra sair da prisão, Rosalvo pediu-lhe que enviasse um telegrama à Leila e ao seu irmão Vivaldo, contando que ele estava preso na Polícia Federal de Belo Horizonte. Seu medo era que ninguém soubesse o seu paradeiro e ele desaparecesse.

Os fatos que aconteceram em seguida só fizeram aumentar o medo de morrer de Rosalvo Alexandre e prejudicar seu já frágil equilíbrio psicológico. Certa madrugada, às cinco horas, os policiais chamaram:

— Rosalvo Alexandre de Lima! Ele pensou: *vão me matar!* Al-

gemaram-no e o colocaram num Opala. Ele começou a entrar em pânico. *Pra onde vocês vão me levar?*, perguntava atordoado.

— Pra você informar aos seus amigos — respondiam os policiais, gozando com ele.

Chegaram ao aeroporto da Pampulha e tomaram um avião comercial. Um terno cobria suas mãos escondendo as algemas. A aeromoça tremia, percebendo a situação. Desceram no Galeão e ele ficou preso na sede da PF do aeroporto. Logo após, pegaram outro voo. No avião, começou a identificar sergipanos entre os passageiros, mas por receio de comprometer as pessoas não falou com ninguém, mantendo-se o tempo todo em silêncio. Achava que estava indo pra Sergipe, mas ainda temia qualquer reviravolta na situação. Só relaxou um pouco quando, depois de uma conexão na Bahia, o avião levantou voo.

Em Sergipe, foi direto para o Quartel do 28º Batalhão de Caçadores. Entrou pela porta da frente e foi recebido por um major Ribeiro, que lhe disse:

— Você, a gente ia pegar até no inferno.

No quartel, tiraram sua roupa e lhe deram um macacão. Puseram-lhe numa cela sem cama, sem nada. Apenas uma luz forte no teto baixo. Tiraram seu cigarro e disseram que só voltaria a fumar quando colaborasse.

O interrogatório seguiu-se por horas e horas. As perguntas eram as mesmas: *Você é comunista?* Por que Jackson Barreto (na épo-

ca, deputado estadual) aparecia numa foto entregando dinheiro para ele? Jackson também é comunista? Era Jackson quem financiava o partido em Sergipe? Manoel Hora é comunista? E assim sucessivamente, uma lista de nomes, que eles pediam para que ele confirmasse as ligações com o partido. Tudo isso, entremeadado de socos e pontapés. Rosalvo resistia. Mas pouco a pouco sua já débil resistência física começava a fraquejar. Puseram-no cinco dias na solitária, sem comer e sem beber. Aquilo foi um verdadeiro inferno. Ele perdeu a noção do tempo e da realidade. Delirava. Seus olhos começaram a inchar. Mais interrogatório:

— Qual é o papel de Jackson na Organização? É Jackson quem financia o partido? Filho da puta, comunista de merda, você é demente?

Ele ficou catatônico. Um dos episódios mais difíceis foi quando os militares levaram Marcélio Bomfim, que também estava preso para se encontrar com Rosalvo. Marcélio era o secretário político da organização em Sergipe e tinha pleno conhecimento do tamanho do golpe que o partido sofrera. Vendo a situação calamitosa em que Rosalvo se encontrava, aconselhou que ele abrisse alguns nomes que já haviam sido identificados e presos para que não sofresse mais tortura. Rosalvo, já sem compreensão da realidade, entendeu que aquilo era uma atitude de delação e teve um surto psicótico. Avançou contra Marcélio

acusando-o de ter sido delatado por ele. Foi preciso que os policiais o arrancassem com violência de cima do companheiro, que apenas buscava amenizar a sua situação diante de um quadro já evidentemente destruído. Para os militares, Rosalvo havia enlouquecido. Ele os ouvia comentar: *Esse aí tá doido.*

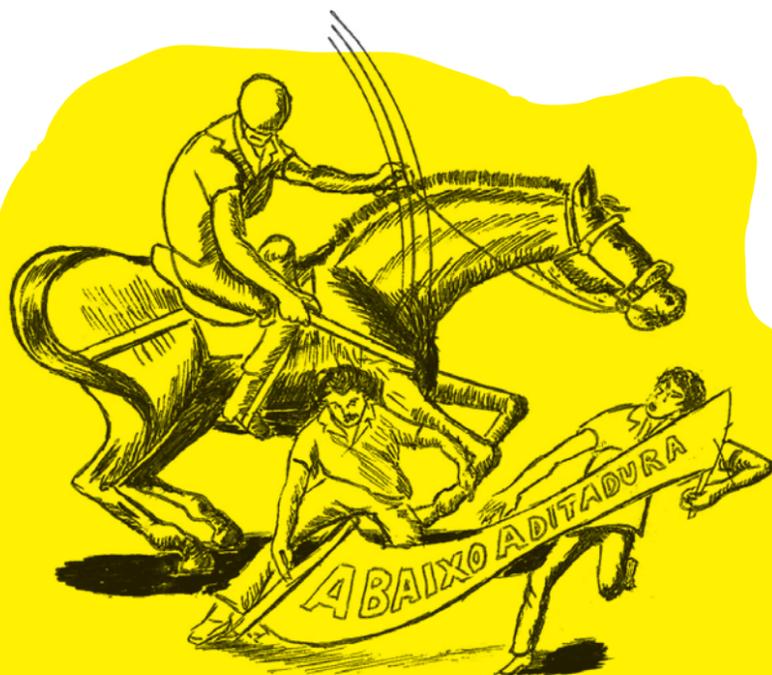
Como a prisão dele já era fato público, assim como a sua presença no quartel em Sergipe, o quadro de saúde de Rosalvo preocupou os militares. Eles chamaram sua esposa, Leila e perguntaram se o marido tinha alguma doença. Leila desconfiou que algo não ia bem, disse que Rosalvo era epilético e, protagonizando um dos mais belos atos de coragem e de amor ao seu companheiro, olhou firmemente para o major Ribeiro e completou:

— E ele tem dois filhos homens, major, que eu vou criar, dizendo a eles, todo dia, que quem matou o pai deles foi o major Ribeiro.

Daquele dia em diante, Leila faria vigília na porta do quartel, exigindo ver e falar com Rosalvo. Quinze dias depois, Rosalvo foi liberado para o setor coletivo da prisão e pôde se encontrar com os outros colegas que estavam presos.

Em 16 de agosto de 1978, depois de dois longos anos de inquérito, Rosalvo Alexandre de Lima foi absolvido.

O homem que saiu livre da Operação Cajueiro conheceu o terror, a dor e o medo. Viu sua vida por um fio. Ele jamais seria o mesmo. ■





WILLY

O espanto diante do descarte como motivo para o objeto de arte

Por Léo A. Mittaraquis

Há muito acompanho, ainda que frequentemente longe do burburinho dos vernissages, a produção artística de Willy, o que implica, na minha perspectiva, uma rara satisfação. Sentimento que se justifica plenamente, pois, é uma produção altamente qualificada. Willy é um artista contemporâneo sim, mas pertence à constelação estabelecida por nomes que não se deixam engessar pelo conceito, não se deixam compartimentar, de forma estanque, pelo rótulo. Este, se por vezes se faz necessário para permitir a identificação e a diferenciação, provoca, em outras circunstâncias, a delimitação estética inadequada para um artista de alta magnitude como Willy, cuja a multiplicidade de apreensões e leituras do entorno (onde se amontoam ou se espalham objetos como rebovalho, os quais simbolicamente



Guardião de lata
Teclado de computador
e lata de cerveja
2010

passaram a ser denominados de descartados) provoca a materialização de objetos fascinantes, sensuais, funcionais... Discursos sintéticos da percepção de mundo deste artista ao qual denominar de escultor significa afirmar, nele, a práxis escultórica refinada, inteligente, instigante. E afirmo esta condição por compreender a arte de Willy como representação plástica, tátil do discurso dinâmico, polêmico e desafiador.

Tenho posição tomada (como diria Sartre) diante de propostas “ambientalistas”. Não me deixo levar pela conversa fiada ecológica, esta que teima em ignorar as necessidades da civilização no intuito de perdurar. Contudo, o artista e pensador Willy trilha a senda do reaproveitamento do lixo ocidental de uma maneira tão esmerada, tão distante da miopia panfletária “ecoidealista”,



1.
Máscara Afro
Sabão de coco
1999

2.
Um dia qualquer
Digital Work
Zbrush
2013

3.
Ser de luz
Egípsio tramado
Cimento branco e tecido
2006



“Ao que parece, não foi mau genealogista quem disse que Íris era filha de Taumante”
Platão, Teeteto.

que alcança o observador sem provocar rejeição ideológica. O *tauma* produzido pelas esculturas de Willy remete à ação de delicado cinzel a grafar, indelevelmente, sensações gratificantes na superfície de cera da minha alma, a pulsão sensual do reconhecimento. Neste reconhecer, impossível é não me recorrer à síntese genial merleau-pontyana: objetos bem conhecidos, ao se submeterem à reutilização pelo artista, impõem questões jamais cogitadas anteriormente, revelam a estranheza da beleza insuspeitada e parecem fazer





4.



5.



7.



8.

4. Revolution
Digital Work Zbrush
2013

6. Ser de Luz
Cimento branco e tecido
2006

8. Justiça deitada
Teclado de computador
2010

5. Masc
Concreto celular
2000

7. Concreto celular
Turqueza - 2000

9. Madona
?
2001



6.

despertar uma substância antes hibernada, como que um objeto secreto. Mas, também, na linha de Bourdieu (em “As Regras da Arte”, trecho em que Pierre Bourdieu se opõe à Gadamer), me recuso a pensar numa essência indescritível pertencente à obra de arte. O objeto é o objeto olhado, percebido. Voltando a Merleau-Ponty, não há como separar o objeto de arte de sua maneira de ser apresentado ao público. Nem mais nem menos. No ato congelado, na intenção perene: dobras, encaixes, alinhavos, cortes. A práxis willyana. Sim, pois, é compromisso deste artista (e deveria o ser de todos)

a elaboração de esculturas não como um ato qualquer, mas, sim, (e, neste ponto, recorro a Kant) como o gesto que concretiza o objetivo, que é pensado em relação a princípios de conduta representados universalmente, ainda que exiba (afinal, é objeto produzido por um artista) a marca original, com todas as limitações e cautelas que o uso de tal termo implica: sua assinatura.

Willy é artista e é, concomitantemente, um acadêmico (possui graduação como Arquiteto e Urbanista). Desejo crer que ele transite bem entre os campos da Ciência e do senso-comum. Ciente do ser híbrido que nos tornamos (e o digo por experiência própria), opera na fronteira do possível diálogo entre o empírico controlado e o ato pulsional. O primeiro se constitui em valores objetivos, os quais, sob a ótica foucaultiana, designam mecanismos de



9.

organização do que é compreendido como real; no segundo caso, a linguagem (devo evitar o termo “subjetividade?”), expressão do pensamento, se oferecerá, lasciva, plena de flexibilidade. Amorfa, deixa-se amoldar pelo talento interferente do artista.

Willy sabe disso. É o momento em que o ato de reciclar ultrapassa e nega o palavrório, nega um outro discurso, o ecológico contaminado pelo blá-blá-blá inútil e aborrecido.

Portanto, reitero minha satisfação e alegria diante do pri-



10.

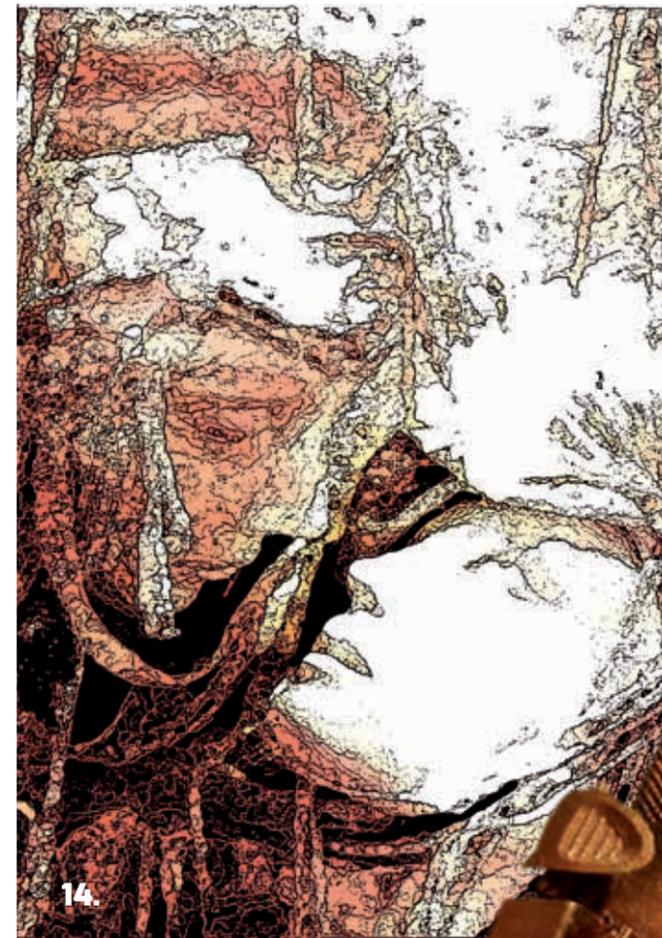
vilégio de ser contemporâneo deste artista singular, que soube, inclusive, se estabilizar financeiramente mediante sua arte. É regozijante para um velho assumidamente entediado, capitalista e conservador como eu encontrar motivos que me levem a interromper a contemplação anuente de um Constantin Brancusi, de um Victor Brecheret, de um Auguste Bartholdi (para além dos *Rodins comme un souvenir*) e lançar um olhar cúmplice em direção às esculturas do competente artista Willy. *Evoé!* 



11.



12.



14.

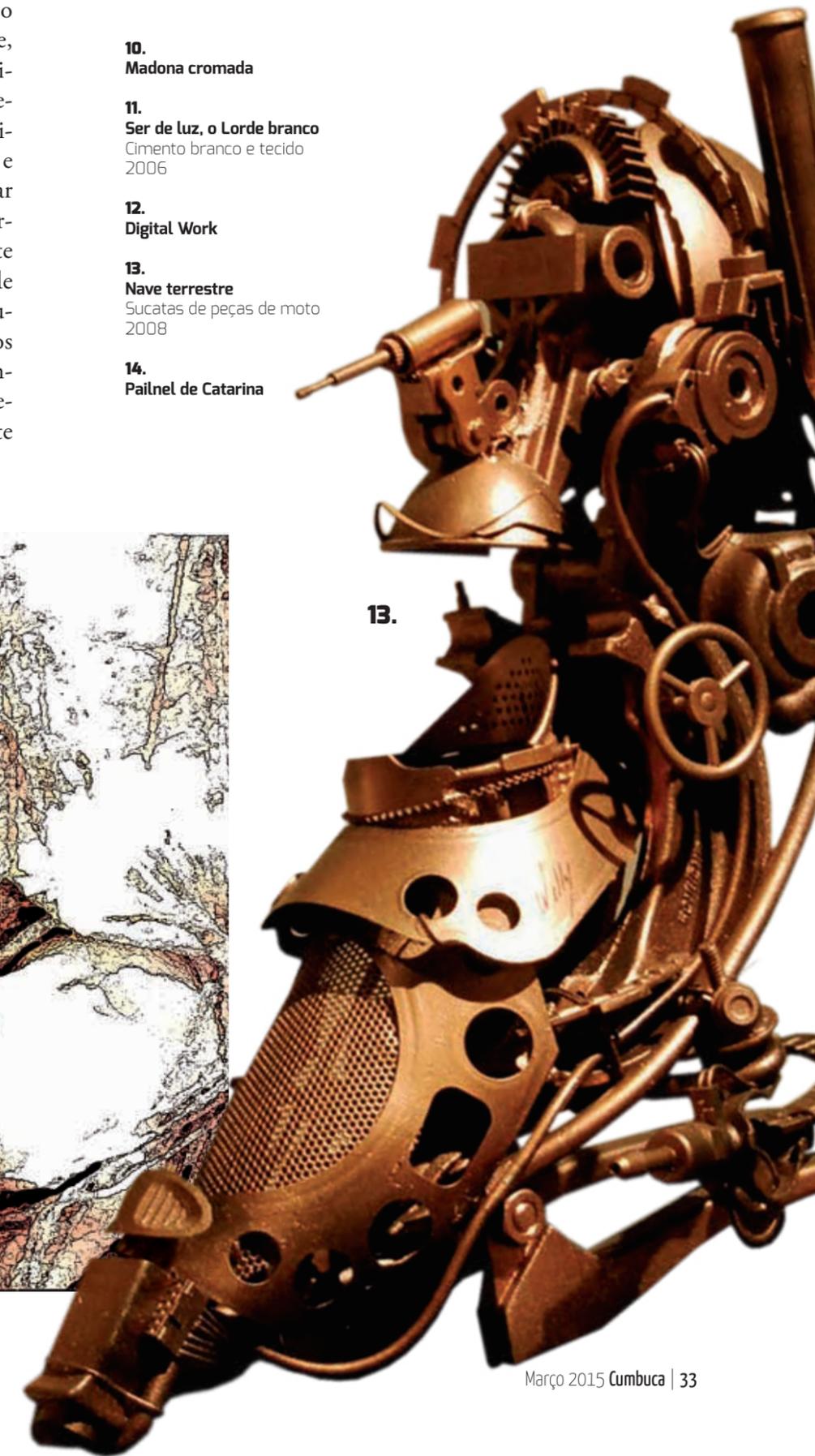
10.
Madona cromada

11.
Ser de luz, o Lorde branco
Cimento branco e tecido
2006

12.
Digital Work

13.
Nave terrestre
Sucatas de peças de moto
2008

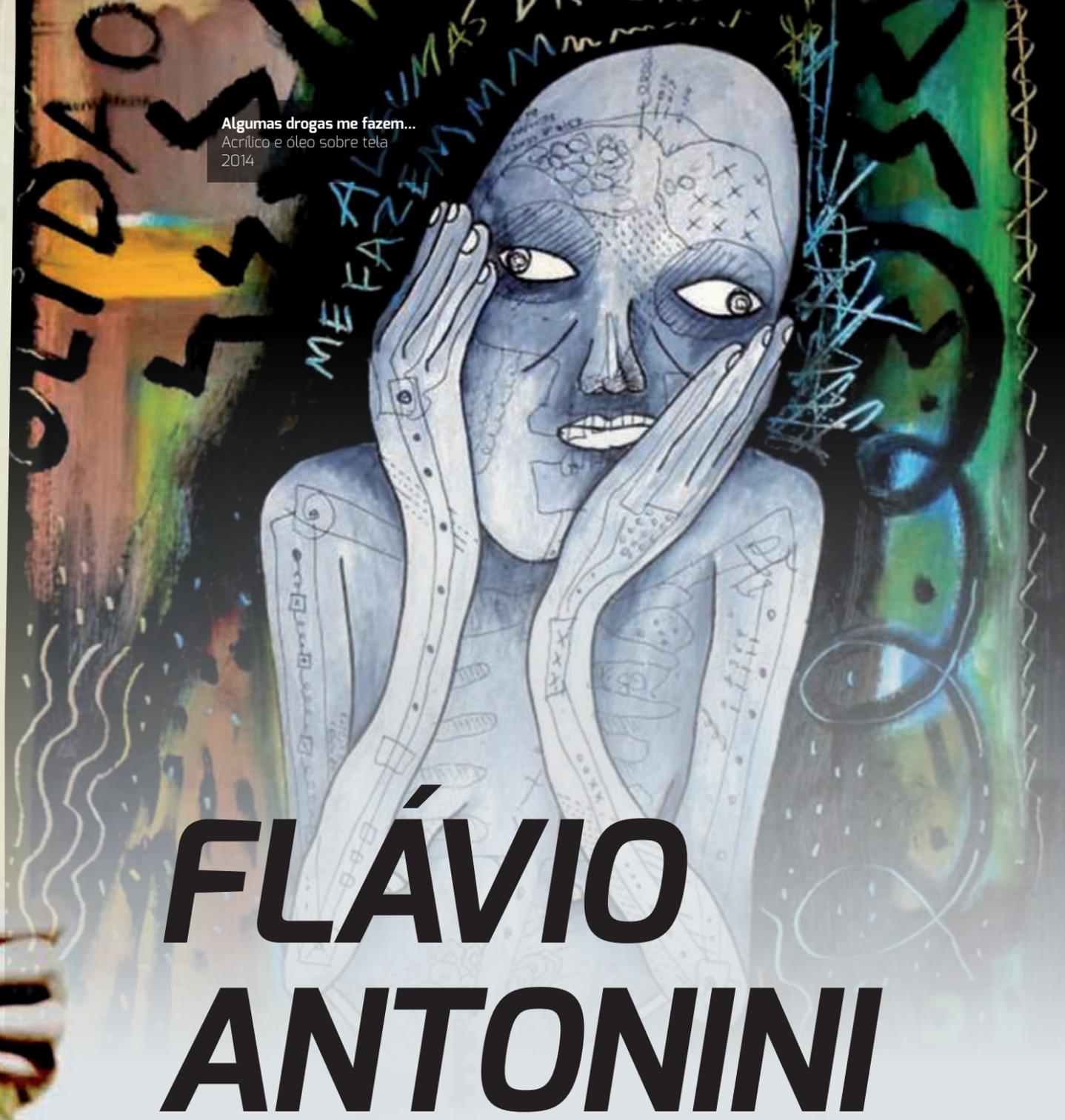
14.
Painel de Catarina



13.



Algumas drogas me fazem...
Acrílico e óleo sobre tela
2014



FLÁVIO ANTONINI

Flávio Antonini, 27 anos, já expôs no SESC, em Aracaju/SE, no Memorial Tobias Barreto, em Tobias Barreto/SE, é autor de dois livros de poesia – *Imagens na vertigem* e *Semente para um furacão de facas*, além de ser o idealizador da revista independente, CALE-SE. A sua inspiração vem do cotidiano, como você pode conferir, a seguir.



Não preciso de iluminação

Técnica: Acrílico e óleo sobre papel A3
 Materiais: Caneta esferográfica preta, pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões sem moldura: 29,7 cm x 42,1 cm
 Dimensões com moldura: 48,5 cm x 61 cm
 15/12/2014



Proibido eu amo

Técnica: Acrílico e óleo sobre papel A3
 Materiais: Caneta esferográfica preta, pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões sem moldura: 29,7 cm x 42,1 cm
 Dimensões com moldura: 48,5 cm x 61 cm
 26/11/2014



Sopa de artista

Técnica: Acrílico e óleo sobre papel A3
 Materiais: Caneta esferográfica preta, pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões sem moldura: 29,7 cm x 42,1 cm
 Dimensões com moldura: 48,5 cm x 61 cm
 10/10/2014



Como ensinar uma ovelha a cozinhar

Técnica: Acrílico e óleo sobre tela
 Materiais: Pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões: 70 cm x 90 cm
 19/11/2014



Resolvendo o problema do suicídio
 Técnica: Acrílico e óleo sobre tela
 Materiais: Pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões: 70 cm x 100 cm
 10/11/2014



Coma enquanto pode comer
 Técnica: Acrílico e óleo sobre tela
 Materiais: Pincel, tinta acrílica, tinta a óleo, esponja e espátula.
 Dimensões: 70 cm x 90 cm
 19/11/2014





JOSÉ FERNANDES.

*Um pintor simples
com cacoete de
agente cultural*

Ludivice José

Água parada, apodrece. Aprendi isso ainda guri e repetidas vezes ouvi de entendidos no assunto. Portanto, repaginar a arte, é um antídoto para o artista não cair no lugar comum e tampouco enterrar a inspiração, identidade tonal, a história, incluindo-se aí o conhecimento que deve também ser revisto, a exemplo da composição, perspectiva, iluminação, movimento, anatomia, ítems rechaçados por alguns atores da arte de pintar, que assim abandonam o bom senso e noções básicas do ofício, a exemplo do desenho que é qualidade “sine qua non” para referendar o artista plástico, isentando-o do rol dos mistificadores e manipuladores policrômicos que morejam por aí

sobraçando quadros e vendendo telas a metro, inundando incautos e anestesiados compradores, que nada entendem e se deixam enganar pelo desconhecimento total do que é, ou não, arte.

Esse prolegômino é pertinente como contra prova do fazer e vivenciar arte diuturna, real, com conteúdo, sobretudo com pesquisa. As mudanças, nesse caso, surgem espontâneas, pois inato é o dom do ser artista.

Some-se a esse arrazoado, o *modus vivendi* do artista que deve revelar afinidade com a cultura de uma forma ampla, sem preconceitos, mas sem abrir mão do bom senso. E é isso que tem acontecido instintivamente com José Fernandes, que tem se mostrado um

agente cultural ao provocar espaço para aumentar a visibilidade de outros segmentos artísticos. A exemplo do “Encontro de Forrozeiros” que idealizado e divulgado por ele, foi para a linha de frente usando os recursos possíveis para que o evento surtisse efeito e atraísse público, o que ocorreu na primeira edição, um sábado, 14 de março de 2015, na Confraria da Mangueira, no conjunto Inácio Barbosa. O evento agitou artistas, músicos, intelectuais e assemelhados e deixou um gosto de quero mais, configurado na periodicidade mensal, com perspectiva de público crescente e de agregação de novos forrozeiros.

Outra faceta dessa interatividade, com o universo que circun-

da o artista, vê-se também em José Fernandes pelos murais espalhados por *balls* de edifícios, muros, restaurante e botecos, como um contributo perpetuando a sua arte, socializando o seu trabalho pela visibilidade óbvia, promovendo o acesso aberto aos variados públicos, espalhando sua arte gratuitamente, provocando o gosto pela arte e, com isso, criando um movimento que venha estimular o nascimento de outros artistas, configurando, assim, uma multiplicação artística.

Tudo isso mostra o significado da presença do artista onde a arte e o povo estiverem. Integrando-se ao esforço para uma revivência cultural em Sergipe, que conta apenas com abnegados, altruístas, e alquimistas de sonhos, pois inexistente o lastro ao apoio à participação e à parceria, e uma cumplicidade séria e comprometida com a própria conceituação de Sergipe no universo artístico cultural.



1.
O pescador e a volta
80x100cm
2012

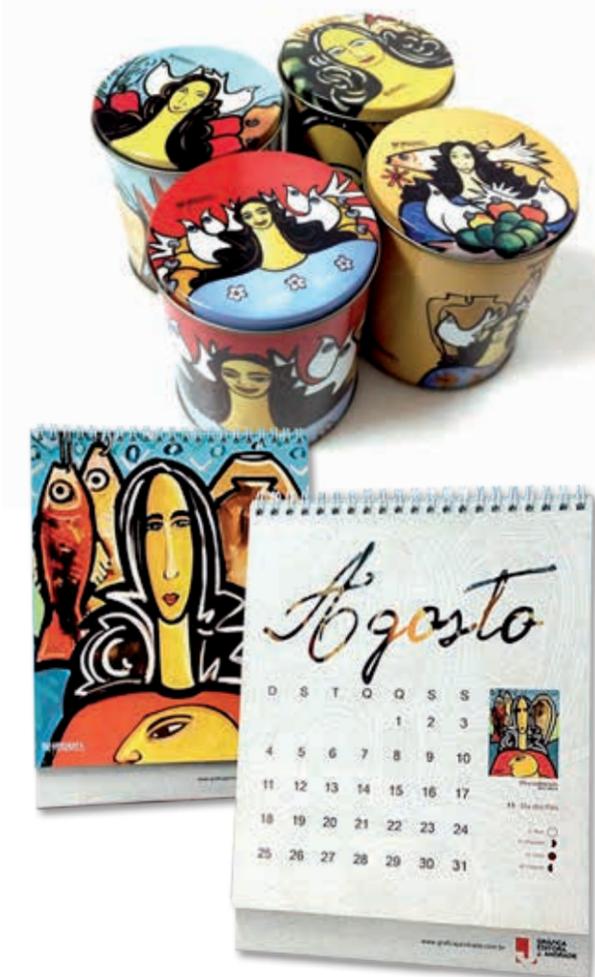
2.
Marinha
50x50cm
2013

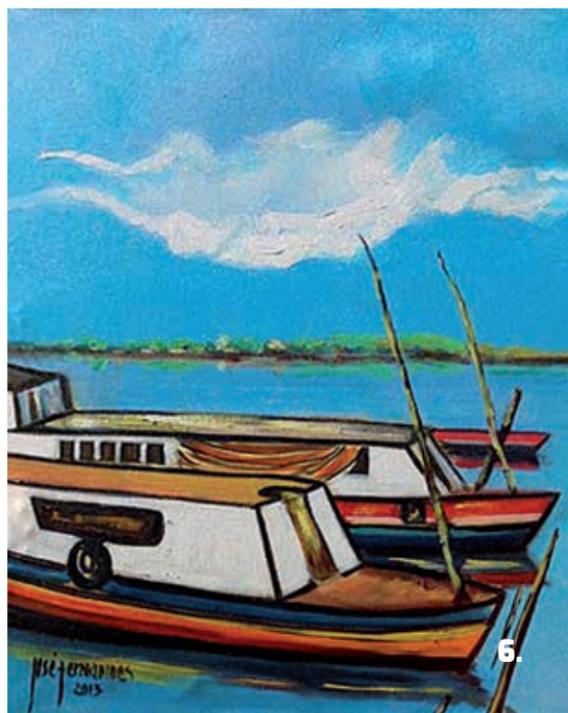
3.
Mulher e flores
80x100cm
2012

4.
Cangaceiros
60x70cm
2013

5.
Peixe Colorido
50x50cm
2013

Pode-se afirmar, sem escrúpulo ou pruridos quaisquer, que José Fernandes representa hoje um arista antenado e visceralmente contemporâneo. Tudo isso construído devagar, praticamente num ato artesanalmente perpassado pelos ismos, sem muito compromisso escolástico, pela sua assumida postura libertária, onde cada interregno do aprendizado foi algo passageiro, mas que contribuiu com a sua tendência popular, acolitada pelos traços gestualmente rápidos no processo criativo. É como se não existisse amanhã e o que tivesse de se tornar público devesse sê-lo imediato, exposto, entranhas de sonhos policromicamente preenchendo quadriláteros das telas, parindo situações para seus personagens já nascidos, sejam nos recônditos campesinos, sejam entre saburás, redes e canoas, ou numa situação urbana, num figurativo expressivamente fácil de ser decodificado, popular, em cores quentes, vibrantes e animadoras, prenes de identidade tonal e de um grafismo insofismavelmente genuíno, explícito. Tal grafismo possibilita, desta forma, identificação imediata do autor, que se deixa solto, liberto, sarcástico quando preciso, mas sempre apaixonadamente um altruísta emotivo a cada obra concluída e exposta, na qual ele





6.
Tótó no Rio Sergipe
60x70cm
2013



7.
Pescador
100x80cm
2012



“Pode-se afirmar sem escrúpulo ou pruridos quaisquer que José Fernandes representa hoje um artista antenado e visceralmente contemporâneo. Tudo isso construído devagar, praticamente num ato artesanalmente perpassado pelos ismos, sem muito compromisso escolástico, pela sua assumida postura libertária [...]”

divide com um adquirente ou se torna pública pela sapiência relevante de algum expositor e invade uma recepção de algum edifício público ou privado, ou mesmo passa a integrar a coleção de um sonhador como ele. Assim, interage com outros artistas e se faz destaque pelo conjunto, comumente harmônico, pontuando, como sempre, pela libertinagem de cada pincelada, razão porque muito bem se identifica com um leigo em artes plásticas, da mesma forma que ocorre com um intelectual ou colecionador.

Desde os velhos tempos em que adotou o expressionismo no

deambular inicial, que acompanho o trabalho de José Fernandes, não apenas como expectador do concluído, mas, em muitas oportunidades, assistindo cada detalhe da criação, veleidamente técnica no pintar, visionário de uma caminhada que vi nascer na Galeria de Arte Álvaro Santos, num salão de novos, onde Fernandes estreou, merecendo já, à época, considerações positivas que se tornaram realidade e, arrebanhando experimentos adredemente perseguidos e colocados na sua indomável vontade de construir estórias e histórias. Tudo isso culminou num reco-

nhecimento público, por amantes das artes, instrutores, professores de artes plásticas, leigos, curiosos, e hoje é possível, sem pejo, afirmar que José Fernandes representa, de forma extremamente positiva, a carapaça do destaque contemporâneo nas artes plásticas sergipanas, o que endosso de forma consciente e sobejamente verdadeira. Mesmo sendo um artista de extrema simplicidade que se fez destaque, e que divide com outros segmentos artísticos variados espaços, guinado naturalmente à condição de Agende Cultural, revela-se de uma sergipanidade descomunal. □



Projeto Caju na Rua |
Mercado Antônio Franco |
Aracaju-SE

Brasil,

convidado de honra do Salão do Livro em Paris



Por Silvia Leroy

O Salão do Livro em Paris é um dos principais eventos literários do calendário internacional. Na sua 35ª edição, a realizada nos dias 20 a 23 de março deste ano, o Brasil foi o país homenageado e dispôs de um espaço de 500 metros quadrados destinados à venda, exposição de livros e palestras com autores, mesas-redondas, debates com escritores, tradutores e especialistas da literatura brasileira na França. A nossa ministra interina da Cultura, Ana Cristina Wanzeler, declarou em 9/12/14 que “ao receber seu merecido reconhecimento em eventos de porte como este, a literatura brasileira não só apresenta o Brasil para o mundo, como também encontra maior valorização no mercado interno”. (cf. www.cultura.gov.br/noticias.../asset.../1232693).

É a segunda vez que o Brasil foi o convidado de honra deste salão. Para representá-lo, 48 escritores estiveram oficialmente presentes, além dos que participaram de mesas-redondas, debates e lançamentos. O número de convidados permite uma mostra diversificada da produção literária em curso no Brasil, não apenas de escritores consagrados, mas também de autores menos conhecidos, de diferentes regiões do país (do Amazonas ao Rio Grande do Sul), apresentando obras de teatro, poesia, ficção, filosofia; uma oportunidade única para o público francês

descobrir a diversidade da nossa atividade cultural e a qualidade da literatura que produzimos hoje. Estiveram presentes tanto escritores que já foram adotados pelo leitor francês como autores menos conhecidos no estrangeiro, ou ainda os que trazem propostas inovadoras; mas contamos também com a presença de três imortais, já reconhecidos nacional e internacionalmente: Ana Maria Machado, Nélida Piñon e o nosso querido Antônio Torres, baiano-quase-sergipano e leitor da nossa *Cumbuca*, um dos maiores nomes da ficção brasileira atual.

Antônio Torres já é familiar do Salão do Livro em Paris. Lá esteve presente quando ainda não tinha colhido todos os louros da sua obra. A tradução francesa do romance *Essa Terra* encontrou na França um público amador das histórias do sertão, conhecedor do assunto e habituado à qualidade literária da produção ligada ao tema. *Cette Terre* (tradução de Jacques Thiériot, éditions Métailié, 1984), foi um grande sucesso editorial. Por seus romances traduzidos, Antônio Torres foi feito “Chevalier des Arts et des Lettres” (Cavaleiro de Artes e Letras) pelo governo francês em 1998.



Estade brasileiro no Salão do Livro de Paris 2015 - Foto: Facebook/CBL.

Seguiram-se novas traduções, com um espaço privilegiado para a trilogia sertaneja, *Chien et Loup* (O Cachorro e o Lobo) e agora, a ponto de ser publicada, a tradução de *Pelo Fundo da Agulha*.

Percurso brilhante e merecido, o deste filho da bondosa cidade sertaneja do Junco (hoje Sátiro Dias), que de lá partiu para cumprir o destino e realizar o seu sonho de criança, “ser Castro Alves”. Da terra natal, levou “régua e compasso”, traçou o seu próprio caminho e conquistou leitores em todo o mundo. *Raízes*, um sonho e muito trabalho, sim, mas era preciso existirem portas e passarelas internacionais para que o leitor estrangeiro entrasse em contacto com a obra.

Uma dessas passarelas é a tradução, que permite ao leitor, vivendo do outro lado do mundo, reconhecer-se na palavra de um brasileiro do interior, encontrar



Antônio Torres

na humanidade do homem a sua própria universalidade. A tradução nunca é perfeita, mas é sempre útil à comunicação entre os homens. Ela é também a condição para que o texto, liberto da contingência linguística inicial, possa figurar em livrarias, feiras e salões de outros países.

Resta vencer o mercado, os hábitos de leitura, promover, de um modo geral, a curiosidade e o gosto da descoberta. Para isto, os salões e feiras internacionais do livro oferecem uma porta de acesso incomparável.

Apesar de algumas falhas inerentes à própria estrutura da



escolha, por vezes arbitrária, de alguns convidados, esses Salões do Livro, anualmente realizados em Paris, explicam em parte o interesse e o conhecimento que o leitor francês acaba por adquirir sobre a literatura estrangeira. Através deles, e com a contribuição preciosa dos tradutores especializados, o texto de qualidade, seja ele europeu, latino-americano, africano ou asiático, encontra uma via de acesso direto ao público, escapando em parte ao rolo compressor do *marketing* editorial que praticamente impõe, no plano internacional, uma literatura de consumo.

Mas o interesse do Salão não parou por aí. O Salão do Livro de Paris é o encontro anual, marcado de leitores com obras e/ou autores por descobrir, um novo país convidado a cada ano e um tema transversal, que não envolve unicamente obras “literárias”.

Este ano, em torno da “Viagem”, (com uma nota especial para as publicações ligadas ao turismo), encontram-se editores, autores e tradutores. E o leitor pode circular entre os *stands*, informar-se e descobrir novos interesses. Trata-se, no fundo, de uma grande festa popular do livro, para qualquer tipo de leitor curioso, e um convite à leitura para amadores de todos os gêneros.

O evento conta com a parceria da imprensa francesa (jornais, rádio e televisão) e de profissionais do livro; a informação é amplamente divulgada e acessível ao grande público francês, amador de salões de todo tipo e das novidades que ali são apresentadas. Muitos são os provincianos que programam, em grupo, uma viagem a Paris para um fim de semana no Salão do Livro. Vejamos como o “Figaro” apresenta o evento:

“O Salão do Livro em Paris, que acolheu (no ano passado), entre a sexta e a segunda-feira, 198.000 visitantes, escolheu o Brasil como convidado para a próxima edição [...] Com o número de visitantes em progressão crescente, o 34º salão acolheu mais escolares, estudantes e profissionais estrangeiros”. E acrescenta: “Esse sucesso reflete a paixão dos franceses pela leitura, o lugar do livro e da cultura na sociedade francesa”, declara o Presidente do Salão do Livro em Paris, também Presidente do Sindicato Nacional da Edição.

Além de considerar a seleção qualitativa das obras apresentadas pelo país convidado, que orienta o leitor neófito em literatura estrangeira, o número de visitantes do Salão do Livro de Paris se explica, também, por essa dupla característica: oferecer ao leitor o que ele procura e despertá-lo para outras matérias, outras culturas, outra gente. **■**



48 autores brasileiros participam da Feira.

POESIA

Nícolás Almeida



Nasceu em Aracaju, em 1945, herdando do pai o gosto pela literatura e pelas artes plásticas. Depois de cursar a Escola de Belas Artes do Recife, volta a Aracaju no ano de 1963, quando ingressou na Academia Sergipana dos Jovens Escritores, conduzida pela poeta Carmelita Fontes e integrou o movimento contracultural em Sergipe. Militou na imprensa escrita, atuando como ilustrador no Diário de Aracaju onde galgou posições até exercer o cargo de Diretor Executivo. Ainda em Aracaju, Nícolás exerceu, também, as funções de redator e chargista do Jornal da Cidade. Em 1967, ingressou no Banco do Nordeste e transferiu-se para Alagoas, depois para o Ceará (Fortaleza), onde prestou serviço na área de relações públicas do BNB, até se aposentar.

EU QUERIA AMAR UMA NEGRA

Eu queria amar uma negra
Mas uma negra dessas bem retintas
Luzidia, oleosa, brilhosa, azulada...
Andar bamboleante, corpo sem pintas
O cabelo bem carapinha
De aninhar uma flor ou um beijo cheirado
Um nariz chato, olhos amendoados
Como dois sóis negros, num céu esbranquiçado

A boca vermelha, carnuda
Como carnudo e hipnótico o traseiro
E os seios? Fartos, de lembrar infância
O colo ardente de queimar braseiro

A gente indo por aí
Esqueceria o mundo – tanta moleza!
A cada instante um achado louco
Sem ligar pra nada... tudo beleza!

Haveria de vagar em mim – e nela!
Uma cantiga de eterna primavera
Uma inquieta e entorpecente espera
Que em nenhum momento nos saciaria tanto

Eu queria amar uma negra e ser amado por ela
Num estrondoso, festivo, desvairado escândalo:
"Imoral, pérfido, desgraçado, vândalo...
Imaginem só se fosse branco!"



Ilustrações: Nícolás Almeida



TENHO SEDE

E esta sede que me invade é tão grande
Que me dilacera entranhas e congela a alma
Tenho sede!
E é tão imensa esta vontade de beber
Que me arroxia a face, as mãos
E o coração que inda sangram
Tenho sede!
E já não posso recusar o vinagre
Do desamor, da falsa paz, da inutilidade...
Tenho sede, Pai!
Sede de humanidade.

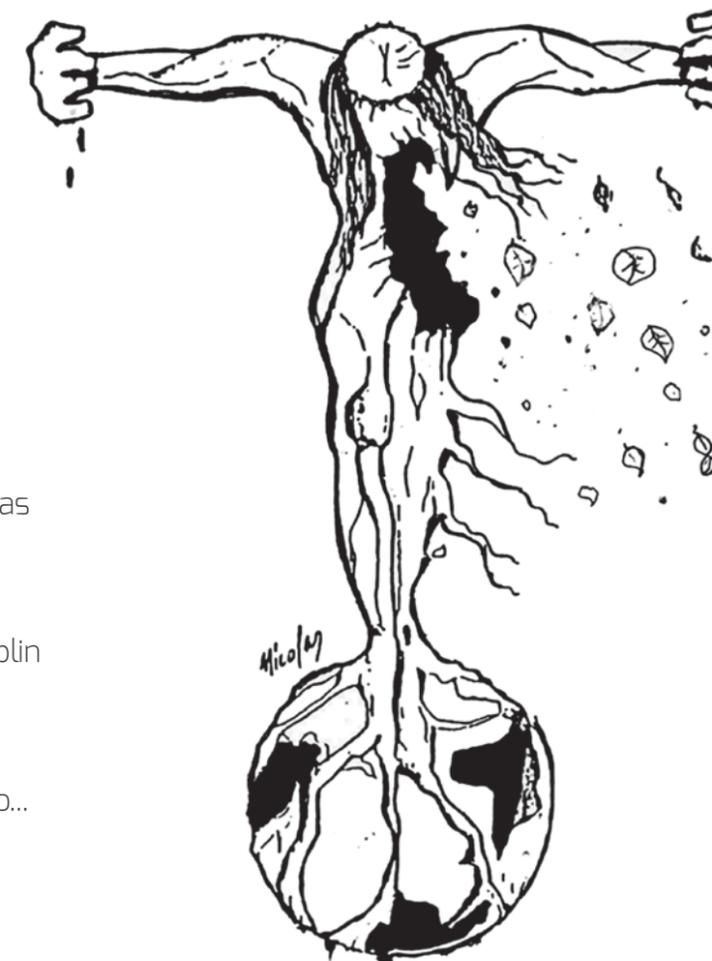
O LOUCO

O louco fez uma trança com lençóis
E, na calada da noite, fugiu do hospício
Vagou pela cidade, dormiu nas calçadas
E, como todo ser livre, sentiu-se como um peixe
Dentro d'água

Então, o louco teve uma ideia louca:
Disfarçar-se de psiquiatra e voltar ao hospital

Quando descobriram a farsa, já era tarde:
O louco havia dado alta a vários antigos camaradas
Que se espalharam pelo mundo
E nunca mais foram recapturados:
Einstein, Galileu, Joana D'Arc, Gandhi, Mandela
Maria Bonita, da Vinci, Mozart, Madre Teresa, Chaplin
Fellini, Irmã Dulce, Van Gogh...

Acuado sobre o telhado
De lá, o louco voaria de braços abertos e sorrindo...
Como afinal
Faria qualquer Cristo da vida.





Longe da poeira do tempo

Juliana Almeida

Há 19 anos o Conjunto de Música Antiga Renantique é referência na divulgação da música medieval e renascentista em Sergipe

Ao longo da história, a humanidade sempre procurou formas de expressar não só sua criatividade, mas registrar através da arte a dinâmica da vida... Seus amores, dores, cotidianos e, principalmente, sua fé. Na música, temos as manifestações mais antigas. Muito pouco chegou até nós dos gregos, por exemplo, mas a partir da Idade Média temos um grande acervo de compositores europeus que retrataram as mais diversas situações na cultura ocidental: sim, são melodias que venceram a barreira do tempo e chegam a nós demonstrando toda a pujança e desenvolvimento da música através dos séculos e sua influência nas mais diversas culturas.

Toda a beleza dos bestiários e cancioneros medievais através dos poetas-músicos *troubadours* e *trouvères*, do Carmina Burana, com suas canções revolucionárias dos monges errantes da Idade Média, as cantigas de Santa Maria de louvor e milagre

do rei Afonso X, a riqueza libertária e polifônica das canções renascentistas e a criatividade sem limite da música sacra e profana são exemplos do que podemos hoje apreciar.

Em Sergipe, na pequena terra dos cajus, temos a oportunidade de conhecer um pouco desse vasto universo da música antiga, produção musical da Idade Média e da Renascença. Um trabalho de intensa dedicação e estudo é feito, pelo Conjunto de Música Antiga Renantique, há 19 anos nas salas de concertos, teatros, igrejas e centros culturais. O grupo nasceu a partir de um quarteto de flauta doce no Centro de Criatividade, chamado Saltarello, em 1995. O fundador e diretor artístico do Renantique, Emmanuel Vasconcellos, lidera o trabalho de resgate e, acima de tudo, de estudo dos instrumentos e formas de execução das canções na perspectiva de fidelizar a interpretação, e destaca que “o Renantique tem uma estrutura *BrokenCon-*

sort renascentista, em que são combinados vários instrumentos da Idade Média e da renascença, unidos as vozes (soprano, tenor, contratenor, alto, baixo – barítono) para juntos executarem o melhor da musicalidade”.

A internet facilitou muito o trabalho de pesquisa do grupo. Alguns instrumentos e partituras foram comprados na Inglaterra, a exemplo do cromorno (tipo de instrumento de sopro muito popular na renascença). Outros foram construídos aqui em Sergipe, baseados em plantas da época, como é o caso da viola de gamba, construída pelo *luthier* Passos, do município de São Cristóvão, e o alaúde, por Joaquim Pinheiro (*in memoriam*),

do Rio de Janeiro. Mas não bastavam os instrumentos e as partituras, a necessidade de estudar o período fez com que o grupo participasse de muitos eventos sobre música antiga pelo país. No ano passado, em Olinda – Pernambuco, Emmanuel Vasconcellos teve a oportunidade de conhecer o ‘papa’ da música antiga, o gambista, regente e compositor catalão Jordi Savall, e, segundo Emmanuel, “foi fantástica a maneira como ele abordou a relação da música do oriente e ocidente. Foi um sonho realizado”.

De sonho e muita resistência sobrevive o Conjunto de Música Antiga Renantique. É um dos únicos grupos no Brasil que não tem ligação com escolas de músi-

ca ou universidades. Um trabalho totalmente independente, construído ao longo dos anos, fidelizando plateias ao descortinar nos seus concertos a diversidade da música antiga e até sua influência na música brasileira. Todo ano há o grande concerto de aniversário onde um programa específico é trabalhado. No ano passado, o tema escolhido foi Amor & Guerra, com canções e danças do século XII ao XVI. Canções embaladas pelo entusiasmo das guerras religiosas – as Cruzadas – e pelas façanhas incríveis dos cavaleiros, além de retratarem o cotidiano.

Há cinco anos, a bailarina e jornalista Natália Vasconcellos desenvolve um trabalho que trouxe a dança para aliar à mú-

sica executada pelo Renantique. Inspirada pelo tratado *Orchesography*, em forma de diálogo sobre as danças camponesas e de corte do século XVI, de Thoinot Arbeau, Natália traduziu o documento decifrando os passos das *pavanes*, *gaillards*, *bransles*, *bass dances*, voltas, *tourdions*, entre outras danças, e criou o Terpsícore Danças Antigas. O grupo é formado por César Leite, Estêvão Andrantos, Helena Feitosa, Ana Mércia e Sara Moraes. O vestuário do grupo também é resultado de muita pesquisa histórica.

O Conjunto de Música Antiga Renantique participa de alguns projetos como o ‘Patrimônio em Concerto’, o qual possibilita levar

apresentações para todo o estado de Sergipe. O grupo faz uma média de 30 concertos por ano, mas convive com a dificuldade de ter um trabalho independente e com poucos apoios. Para Emmanuel, o Renantique hoje ‘rema contra a maré’ e há um custo alto para a manutenção dos instrumentos que são bastante delicados e necessitam de cuidados especiais, “alguns concertos e projetos que fazemos tem patrocínio, outros não, mas sempre temos que ter dinheiro em caixa para a manutenção dos instrumentos e compra de partituras”, ressaltou.

Muitos integrantes passaram pelo grupo nesses 19 anos. Alguns músicos amadores e todos amantes da música antiga. Do início de

“
O grupo nasceu a partir de um quarteto de flauta doce no Centro de Criatividade, chamado Saltarello, em 1995. O fundador e diretor artístico do Renantique, Emmanuel Vasconcellos, lidera o trabalho de resgate e, acima de tudo, de estudo dos instrumentos e formas de execução das canções.



Foto: Oliver Garcia



Em Sergipe, na pequena terra dos cajus, temos a oportunidade de conhecer um pouco desse vasto universo da música antiga, produção musical da Idade Média e da Renascença. Um trabalho de intensa dedicação e estudo é feito, pelo Conjunto de Música Antiga Renantique, há 19 anos nas salas de concertos, teatros, igrejas e centros culturais.



Foto: Oliver Garcia



Foto: Oliver Garcia



Foto: Oliver Garcia

1. Acervo de instrumentos.
2. Renantique e Terpsicore Danças Antigas.
3. Terpsicore Danças Antigas.

tudo, fica a lembrança do soprano Adélia Vieira, falecida em 2002, que fez as primeiras apresentações com o grupo. Hoje, o Renantique é composto por Emmanuel Vasconcellos (diretor artístico, alaúde renascentista, violas de gamba e viela de arco), Antônio Chagas (flautas-doce, cornamusa, cromornos, saltério de dedo, viola de gamba e percussão), Ednei Arnon (voz tenor, flautas-doce e percussão), Gustavo Adolfo (rabeca medieval e viola de gamba), Marcela Porto (voz soprano e percussão), Pedro Ribeiro (viola de gamba,

flautas-doce e percussão) e Samuel Lucas (flautas-doce).

Em 2016, quando o grupo completa 20 anos, um programa especial já está sendo elaborado: homenagens ao escritor espanhol Miguel de Cervantes e ao dramaturgo inglês William Shakespeare. “Em 2016, esses dois ícones da cultura ocidental fazem 400 anos de morte e com o Terpsicore Danças Antigas vamos montar algumas esquetes, dramatizar algumas cenas baseadas em canções originais do teatro de Shakespeare”, enfatiza Emmanuel.

E, ao resgatar as tradições medievais e renascentistas, o Conjunto de Música Antiga Renantique implanta mais uma cultura de resistência em Sergipe. Sempre renascendo do desejo e amor pela música sacra e profana que formaram a cultura ocidental. Temos, desse modo, o privilégio de acompanhar, ou melhor, nos deleitar com um trabalho abnegado, fundamentado na dedicação e no estudo plenos. Vida longa ao Renantique e a essa música que nunca... Nunca será empoeirada pelo tempo! 



Beta Tela

*pioneiros &
visionários*

Enrico Giovani Allievi

Centenas de livros e DVDs, milhares de reportagens em rádio, televisão, revistas, jornais e, mais recentemente, a Internet, contam com riqueza de detalhes a saga dos Beatles. Esse acervo monstruoso sobre a vida e obra dos quatro rapazes de Liverpool torna praticamente impossível para alguém relatar alguma coisa nova a respeito dos FabFour. Tudo já foi contado à exaustão e, mesmo para os pesquisadores mais atentos, é quase impossível descobrir ou encontrar um fato novo ou mesmo uma foto nova sobre a trajetória dos Beatles nos 13 anos em que John, Paul, George (e mais tarde Ringo) estiveram juntos fazendo shows e gravando discos.

Talvez um dos aspectos menos enfocados em relação aos Beatles é o pioneirismo visionário que eles introduziram não só nas músicas e gravações, mas também na indústria musical e até mesmo no dia-a-dia das pessoas. É um assunto que muitas vezes é deixado de lado nas biografias, documentários e reportagens e, provavelmente, a causa principal desse desdém é o fato das atitudes pioneiras dos Beatles estarem tão presentes e corriqueiras nos dias de hoje que poucos são aqueles que dão o verdadeiro destaque que elas merecem.

A seguir, listamos alguns dos pioneirismos dos *Beatles* que poderão surpreender a alguns que não têm conhecimentos mais aprofundados sobre os visionários Lennon, McCartney, Harrison e Starr:

O disco ***Sgt Pepper Lonely Hearts Club Band*** foi o primeiro a ter as letras das músicas impressas na contra-capa. Algo que se tornou comum nos discos e chegou aos CDs, em julho de 1967.

Os Beatles foram a primeira banda de rock a fazer show em estádio. Em agosto de 1965, eles lotaram os 56 mil lugares do Shea Stadium, em New York. Não é preciso dizer o que isso desencadeou no mundo da música.

O sintetizador foi usado pela primeira vez na gravação de uma música dos Beatles: ***Lucy in the Sky with Diamonds***, em março de 1967.

O primeiro Vídeo Clip produzido no mundo foi ideia dos Beatles com a música ***Strawberry Fields Forever***. De certa forma, eles criaram a MTV e a promoção de discos através desse formato para a televisão, em dezembro de 1966.

Pela primeira vez, um disco duplo foi lançado no mercado através dos Beatles. É o ***White Album***, em novembro de 1968.

Os Beatles participaram da primeira transmissão mundial de televisão via satélite com a música ***All You Need is Love***, em novembro de 1967.

A primeira banda de rock a gravar com orquestra sinfônica na música ***A Day in the Life***, em abril de 1967.

Os Beatles foram os primeiros músicos a terem sua própria gravadora, a Apple Records. Depois disso, virou “moda” entre os cantores e bandas terem seu próprio selo de gravação, em novembro de 1967.

A primeira distorção em guitarra foi “descoberta” por John Lennon na gravação da música ***I Feel Fine***. O que serviu de inspiração para Jimmy Hendrix, Jimmy Page, Eric Clapton e outros, em agosto de 1964.

O primeiro show de rock reunindo celebridades musicais em favor de uma causa humanitária foi organizado e apresentado por um beatle, George Harrison, no ***Concert for Bangladesh***, em março de 1971.

Os Beatles criaram a vertente do rock denominada de Heavy Metal com a música ***Helter Skelter***. Um caminho que depois foi percorrido por Led Zeppelin, AC/DC, Black Sabbath, Scorpions e outros, em outubro de 1968.

Os Beatles foram a primeira banda de rock a gravar em formato acústico na música ***And I Love Her***, em março de 1964. 





ROCK Sertão

Por Marcolino Joe

Um jovem caminha por uma rua recém-asfaltada. A quente-lhe dói o juízo e os raios solares desenhavam formas geométricas pelas calçadas com a ajuda das poucas sombras. Ele carrega nas costas uma guitarra envolta no "case" e segura um pequeno amplificador. Um homem passa ao seu lado em cima de uma moto, o novo cavalo. Em lugar do capacete, chapéu de couro. Ao longe escutamos forró e o começo do ruído da multidão. É a feira. Mas não qualquer feira: a feira de Nossa Senhora da Glória, Sergipe, fidedignamente chamada de Capital do Sertão.

O rapaz encosta em uma barraca. Pede um pastel e um caldo de cana. Descansa o instrumento entre as pernas e põe o pé em cima do amplificador. Come, paga, agradece. Observa ao redor: pessoas e mais pessoas, de todos os lugares, comprando, vendendo, passeando. Rostos simples com sulcos delineados pelo suor. Ele pergunta se pode usar uma tomada da barraca e caminha com a extensão até o meio da rua. Ladeado por gente, temperos, carnes e objetos de decoração, logo vira centro dos olhares. Retira a guitarra do case, liga no amplificador e regula alguns botões. Estende o braço à sua frente segurando uma palheta. Observa por alguns segundos todos do lugar. Um giro de 360 graus mostra que ele está no centro da feira, no centro da atenção, dos olhares, dos cochichos. Silêncio. Uma cena de duelo digna de western dirigida por Jonh Ford. De um lado, o jovem franzino com pouca barba e camiseta preta com letreiros em inglês. Do outro, a multidão com chapéus, bolsas nas mãos e doces de jaca na boca. Ele toca primeiro e uma catarse avassaladora se abate sobre aquele comércio. Não tem mais volta.



Fotos: Marcolino Joe

Cheguei ao Rock Sertão em sua décima edição (2012), levado pelo pitoresco da proposta. Me joguei de corpo e alma após receber o convite para ministrar oficinas de experimentação audiovisual com celulares. Sua disposição em possibilitar acesso gratuito da população às produções de música independente, mediando a cultura global do rock à cultura dita tradicional do sertão sergipano fãisca os olhos. Isso dialoga diretamente com o que acredito com relação à democratização do acesso à produção audiovisual. Dois anos depois, retorno ao Rock Sertão, mas quase não o reconheci. Antes de mais nada, é necessário fazer um retrospecto do festival para entender sua dimensão e arregaçar as mangas. Encontrei na internet um importante artigo chamado *Rock sertão: um fenômeno híbrido entre a cultura do sertão sergipano e a cultura do rock*, produzido por Gabriella Silva dos Santos e Cristal Maria Almeida Carvalho, para II Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. O retrospecto a seguir é fruto desse estudo.

RETROSPECTO

A primeira edição foi realizada no dia 24 de março de 2001, com quatro bandas sergipanas. Apesar da pequena divulgação, o festival atraiu público de toda a região. O êxito do Festival tornou imperativa a realização de uma segunda edição, que ocorreu três anos depois, dessa vez em dois dias, com a participação de nove bandas, contando com o apoio da maior parte dos comerciantes locais, de alguns investidores de Aracaju e da prefeitura da cidade de Nossa Senhora da Glória.

Desta feita, o Rock Sertão conseguiu atrair a atenção da imprensa sergipana. Jornais, revistas, sites, emissoras de televisão e as principais rádios do estado divulgaram o evento. A iniciativa atraiu caravanas de cidades de Sergipe e de estados vizinhos, superando a expectativa de seus organizadores. No ano seguinte, os palcos passaram a ser armados no local onde é atualmente, na Praça Antônio Alves Oliveira. A partir desta edição, a rádio local “Boca da Mata FM” passou a contar

com um programa que vai ao ar todos os sábados, levando a música regional independente sergipana para a comunidade gloriense. Na quarta edição do festival, bandas já consagradas do cenário musical independente sergipano, demonstraram o interesse de participar do evento que ocorreu em 2006. Neste mesmo ano, o festival fez parte do documentário *Nação Lascada de Vêio: Uma*

O ano de 2010 foi, sem dúvida, um ano ímpar para os diversos aspectos da realização do Festival Rock Sertão. Mais uma vez neste ano, houve o apoio do Governo do Estado de Sergipe.

Glória do Sertão, documentário este produzido por acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe, apresentado no DOC TV III da TV Cultura.

Em 2008, já na sua sexta edição, o festival Rock Sertão contou com a presença de dezesseis bandas sergipanas e do cantor e compositor de renome nacional Zeca Baleiro, proveniente do estado do Maranhão. Neste mesmo ano, o festival começou a ter apoio do Governo de Sergipe e ganhou divulgação em todo território sergipano, com a veiculação

em emissoras de rádio e televisão do estado. Participou, também, de um bloco no programa de Rock “Alto Falante” da Rede Minas, veiculado pela TV Cultura. A partir da sétima edição, realizada em 2009, houve a inserção de artistas de outros ramos da arte que também atuavam de forma independente. Grafiteiros, grupos de teatro e artesãos locais se mostraram fundamentais para a valorização da cultura sergipana.

O ano de 2010 foi, sem dúvida, um ano ímpar para os diversos aspectos da realização do Festival

Rock Sertão. Mais uma vez neste ano, houve o apoio do Governo do Estado de Sergipe, através do Fundo Estadual de Patrocínio para Projetos Socioculturais e de Comunicação Social (FEPCS) e também da parceria oficial da TV AM e FM Aperipê. A partir deste ano, também, o festival foi realizado em três dias, para poder melhor organizar as quinze bandas participantes, sendo doze sergipanas e as outras três de Alagoas, Bahia e Paraná, ocorreram oficinas de música e de teatro, palestra com uma docente do



A primeira edição foi realizada no dia 24 de março de 2001, com quatro bandas sergipanas.



Departamento de Música da Universidade Federal de Sergipe, exibição de três curtas metragens sergipanos, espetáculo do “Grupo Teatral Boca da Mata” e um fórum para discussão dos rumos da produção cultural e do cenário independente, sendo que neste fórum estava presente o produtor do festival “Abril Pró Rock” de música independente de Pernambuco. Em uma parceria pioneira entre a emissora pública e festival de música e arte independentes no nordeste, o Rock Sertão foi transmitido pela primeira vez ao vivo pelas rádios: Aperipê AM, Aperipê FM e Boca da Mata FM, e a emissora de TV, Aperipê.

No ano de 2011, o festival aconteceu em quatro dias. Ocorreram oficinas de teatro, audiovisual e música, palestras e mostra cultural. Além das oficinas, ocorreram os shows de quatorze bandas, sendo onze de Aracaju e três de outros estados. O festival Rock Sertão, a partir da visibilidade gerada pelas inovações e sucesso de crítica e público, possibilitou a ampliação da publicidade e patrocinadores. Este passou a fazer parte do calendário cultural do estado e do Plano Diretor do município de Nossa Senhora da Glória. O “Rock Sertão”, em suas três últimas edições, foi transmitido ao vivo pela Aperipê TV, Aperipê AM, Aperipê FM e Boca da Mata FM, contabilizando, em seus 11 anos de história, mais de 160 apresentações musicais.

Fotos: Victor Balde

UM NOVO COMEÇO

Os números dessa empreitada impressionam. Sua capacidade de articular conceitos e situações aparentemente díspares para construir algo novo, de forma totalmente independente, é louvável e estimulante. O Rock Sertão permanece, principalmente, porque seus realizadores são sertanejos: persistentes e antes de tudo, fortes. Não se trata aqui de uma louvação estéril, citando clássicos da literatura, mas de uma verdade que corrói todo e qualquer arquear de sobrelhas dos que não acreditam mais que é possível fazer algo por amor. Os mesmos produtores do festival, que cedem entrevistas na TV, passam a manhã preparando cachorro-quente caseiro para vender na noite dos shows, a fim de custear o evento. *Make your self* do interior. Entretanto, essa característica impregnada na produção cultural brasileira por conta da ausência de incentivo não salva sozinha um projeto.

Onze anos depois da “ideia louca” de fazer um festival de rock no meio do sertão parece que tudo está começando do zero. Pela primeira vez, o festival não foi realizado em praça pública, o que garantia o acesso democrático e amplo a toda a população. A edição de 2014 fora realizada no Boteco do Sertão, espaço privado a cerca de três quilômetros da cidade, por conta de imbrólios burocráticos com a administração muni-

cipal. Não foi cobrado ingresso, mas a distância e a localização erma jogaram o Rock Sertão no gueto novamente. As caravanas entupiram o lugar, demonstrando que a ânsia por cultura permanece, mas o diálogo com a cidade, com as pessoas do lugar fora quebrado.

“

No ano de 2011, o festival aconteceu em quatro dias. Ocorreram oficinas de teatro, audiovisual e música, palestras e mostra cultural. Além das oficinas, ocorreram os shows de quatorze bandas, sendo onze de Aracaju e três de outros estados.

E é justamente nesse ponto que se encontra a força do festival: sua realização é uma afronta positiva e necessária contra o marasmo a que os jovens do interior são confinados. Uma juventude que é capaz de organizar, produzir e disseminar o que pensa e sente através da resignificação dos elementos que recebem pelos meios de comunicação, sem nunca esquecer de suas

raízes. No documentário “Nação Lascada de Véio: Uma Glória do Sertão”, o festival é utilizado na primeira cena do documentário, abrindo a discussão sobre o artista sergipano Véio, que foi homenageado em uma das músicas da banda gloriense, fundadora do festival Rock Sertão, Fator RH. “A tradição está incluída no festival tanto pela valorização do rock enquanto expressão de uma cultura mundial, quanto pela releitura desse estilo musical a partir de elementos culturais locais”, afirma artigo de Gabriella e Cristal, publicado na imprensa local. Eu mais que concordo. O Rock Sertão é um híbrido cultural necessário e urgente que depende do incentivo público para ampliar seu escopo de realização. E não é só ele: toda a cadeia produtiva da cultura necessita desse empenho estatal garantido na forma da lei.

Em minhas andanças pelo interior sergipano ficou evidente a vontade dilacerante da juventude de acessar toda e qualquer manifestação cultural, principalmente as construídas de forma independente e que não encontram espaço nos *mainstream* da vida. Nesse sentido, o Rock Sertão cumpre um papel fundamental, ao proporcionar o diálogo da cultura do rock independente com a cultura dita “tradicional”, fortalecendo esta enquanto locus necessário para a criação e recriação de sentido das nossas próprias vidas. 



Harro Schacht

Um alemão em nossa história

Marcos Cardoso

Faltando um ano para os 160 anos da elevação do povoado de Santo Antônio do Aracaju à categoria de capital de Sergipe, os pensamentos voltam-se para os festejos e para as lembranças. Muito poderia acontecer no próximo ano motivado pela data redonda. E quem é de lembrar, lembra, pesquisa, compila informações, verbaliza, escreve. Fatos e personagens históricos são reanimados. Nem todos os episódios são felizes e nem todos as personagens são bem-vindas à lembrança. Algumas sequer conheceram esta cidade e são também pouco conhecidas por aqui, mas estão, como uma tatuagem indesejada, marcadas para sempre na memória aracajuana.

Uma dessas personagens malditas chamava-se Harro Schacht, um capitão-de-corveta alemão que morreu jovem, aos 35 anos, exatamente há 71 anos, no dia 9 de janeiro de 1943. Na sua breve existência, talvez tivesse lido a palavra Aracaju em algum mapa náutico, não mais do que isso. No

entanto, seu nome é de relevância no episódio certamente mais dramático da história do povo desta latitude. Foi ele o responsável pelo bombardeamento submarino de vários dos 32 navios da Marinha Mercante do Brasil, que sucumbiram no Atlântico e dos 43 navios de bandeira estrangeira afundados na costa brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

Também fora o responsável pelo afundamento de três dos quatro navios de carga e passageiros na costa sergipana, o Baependi, o Araraquara e o Aníbal Benévolo, episódio que obrigou Getúlio Vargas a abandonar o suspeito estado de neutralidade e romper relações com os países do Eixo. Quase mil brasileiros morreram em consequência dos torpedeamentos, 604 nos barcos afundados ao largo de Sergipe.

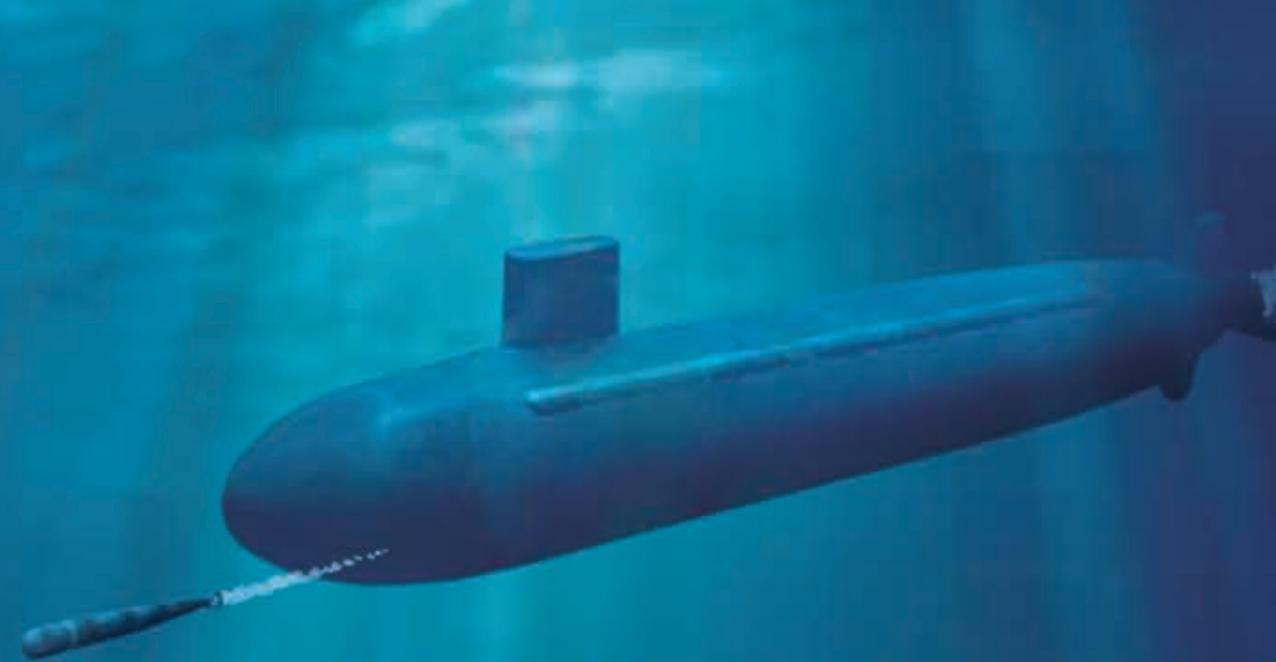
Harro Schacht, um legítimo ariano, louro, face macilenta, orelhas de abano e lábios finos, desempenhava com fidelidade de rottweiler a missão que fora deter-

minada pelo próprio Führer. No comando do submarino U-507, integrando uma flotilha de 10 unidades submergíveis que deveriam vigiar os portos de Santos, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, ele ficou responsável pelo quadrado marítimo entre o litoral norte da Bahia e Sergipe. A ordem era torpedear todos os navios que encontrasse, fossem bélicos ou não, estivessem armados ou não.

ALVO FÁCIL

O relato que segue, sobre os episódios de agosto de 1942, foi escrito pelo jornalista Mauro Santayana, quando ainda repórter do *Jornal do Brasil*, em 5 de maio de 1971.

“No dia 15 de agosto, no fim da tarde, o oficial-observador do U-507 localizou, pelo periscópio, um barco de 6 mil toneladas, que se deslocava a nove milhas, no curso de 35 graus. O submarino iniciou a perseguição, aguardando o momento propício para o ataque.



Pouco depois da meia-noite, quando o relógio de bordo marcava 00h12 do dia 16, Schacht deu a ordem de fogo. O submarino se encontrava à superfície, o alvo era fácil. O timoneiro do Baependi conduzia sem preocupação o navio, cujas luzes, obedecendo às regras de neutralidade, estavam totalmente acesas. O torpedo atingiu o barco em pleno centro, na linha de flutuação.

O Comando da Marinha de Guerra alemã recomendou a Schacht permanecer na área. Através da interceptação de mensagens telegráficas e de informações do Serviço Secreto, sabia da existência de outros navios brasileiros em seu quadro de patrulhamento.

Menos de duas horas depois, o U-507 avistava outras luzes: as do Araraquara, de 5 mil toneladas, que navegava a 14 milhas, no curso de 27 graus. O ataque foi realizado novamente sem dificuldades. Na manhã seguinte, poucos quilômetros adiante, o submarino torpedeava o Aníbal Benévolo”.

Entre tripulantes e passageiros, incluindo mulheres, idosos

e crianças, o Baependi transportava 323 seres humanos, sendo que apenas 28 sobreviveram. O Araraquara transportava 146 almas e somente 15 escaparam com vida. E o Aníbal Benévolo viajava com 154 pessoas a bordo, das quais só quatro sobreviveram. Os muitos corpos e os poucos sobreviventes foram das areias das praias de Aracaju até Mangue Seco, na Bahia.

POST-MORTEM

Schacht foi convocado a retornar à base, quando pôde desfrutar pela última vez do contato com a família, logo recebendo nova missão nas costas brasileiras. No dia 8 de janeiro de 1943, torpedeava o navio britânico Yorkwood, na altura das Guianas. E, no dia seguinte, na altura do Pará, um hidroavião Catalina americano, da esquadrilha baseada no Brasil, liquidava o U-507 e sua tripulação com bombas de profundidade. “Schacht foi promovido *post-mortem* e sua viúva recebeu, em seu nome, a Rit-

terkreuz des Eisernem Kreuzes. A condecoração e quase tudo que era de Schacht desapareceu. Sua casa, em Hamburgo, foi totalmente destruída durante um bombardeio”, contou Santayana.

Naquele mesmo ano, o almirante alemão enviou outra força-tarefa de submarinos médios acompanhados de um submarino de reabastecimento para apoiá-los. Do dia 18 de fevereiro até outubro de 1943, foram torpedeados e afundados mais oito navios mercantes brasileiros. Dentre estes, o Bagé, ao largo de Sergipe, no dia 31 de julho, atingido por torpedo do submarino U-158, comandado pelo capitão alemão August Maus. O Bagé transportava 134 pessoas: 28 morreram. Só em julho de 1944, o Brasil ingressou efetivamente na guerra, enviando a Força Expedicionária Brasileira e o 1º Grupo de Caça da FAB à Itália. A história de Aracaju também passa pela campanha nacional nas terras de Benito Mussolini, pois heróis aracajuanos combateram por lá. Mas essa é outra história. □

O CINEMA GUARANY

Petrônio Gomes

Meu velho e querido cinema Guarany! Quais os teus companheiros no tempo, hoje também desaparecidos? Desponta-me a lembrança alguns nomes, imagens desconstruídas de um passado que ainda tenho por recente. Por exemplo, a “Casa Yankee”, A Casa de Dalvo Leal, a sorveteria Primavera, o hotel de Rubina, os bilhares do bar Apolo, enfim, uma Aracaju que mora hoje nos corações grisalhos e que os acompanhará até o fim.

Pois bem, a Avenida Pedro Calazans tinha, então, outro nome: era a Rua do Rosário, como bem o pode atestar a Igreja que ainda existe, fincada no alto. E a Rua do Rosário era, simplesmente, o fim do mundo. Com ela, ia encontrar-se a Rua de Estância, confundindo-se, ambas, no mesmo areal.

Mas havia um bonde heroico que ia dar naquelas paragens distantes, e que sofria tanto em seu trajeto quanto os passageiros

que lá desembarcavam, principalmente em dias de chuva. Esse bonde era o Circular, o de farol branco, um intrépido e balouçante bondezinho que ousava dar a volta inteira pela cidade, tangido pelo motorzinho do Serviço de Luz e Força (o ‘pai’ da Energipe) que roncava dia e noite, na Rua de Itabaianinha.

Precisamente no encontro da Rua Rosário com a rua Estância, um senhor de faces rosadas e bem

humorado, chamado Augusto Luz, resolveu instalar um cinema. Que coragem!

O cinema Guarany foi fundado em 1925, mas durou apenas três anos essa fase inicial, por uma simples razão: chegara o cinema falado, e com ele a despedida de uma era romântica em todos os cinemas do mundo, pois as pequenas orquestras que os cinemas empregavam desapareceram de repente. E é claro que o povo não

iria se abalar para a Rua de Estância, onde era exibido um filme mudo, quando tinha o Cinema Rio Branco, de Juca Barreto, já falado! Foi a pausa forçada que entrou na vida do Cinema Guarany.

Mas Augusto Luz não desistiu. Tinha no sangue a veia de publicitário. Tanto assim, que seria ele, muito mais tarde, o escolhido para dar um impulso formidável à Rádio Aperipê, nossa primeira emissora. Augusto Luz

fechou as portas do Guarany, mas era uma retirada temporária, um descanso breve de lutador nato. E no dia 7 de julho de 1937, eis que o Guarany reabre suas portas para o triunfo, com a estreia sensacional de “O jardim de Allah”, protagonizado por Charles Boyer. Juca Barreto estava com a ‘Fox’, isto é, com Tyrone Power, Alice Faye, Betty Crable; Anísio, do Cinema Rex, estava com o ‘Leão da Metro’, ou seja, com

Robert Taylor, Clark Gable, James Stewart, Spencer Tracy, Lana Turner, Mickey Rooney. Mas Augusto ficou com a Universal Pictures, a Paramount, com nomes como John Hall, Dorothy Lamour, Bing Crosby, Bob Hope, Buster Crabbe... Precisamente os ídolos da mocidade de então. Pode fracassar quem conta com o oceano prodigioso da juventude?

Dono de rica imaginação, Augusto comprou um Chevrolet





1939 e inaugurou o carro publicitário em Aracaju. Mas não foi fácil, pois a época era difícil em matéria de técnica. Imaginem um carro com uma vitrola, alimentada por bateria, tocando discos de 78 rotações, trafegando pelas ruas de uma cidade que seria das últimas capitais do Brasil a conhecer o asfalto? É claro que o carro do Guarany trazia em seu encaixe uma multidão de garotos, entusiasmada, vibrante. E o carro do trio elétrico, atualmente, não provoca o mesmo? Só que os discos repisavam os chorinhos e valsas, mas tudo era novidade.

O carro do Guarany foi criado para divulgar os espetáculos do cinema, naturalmente. Mas aceitava anúncios das lojas, que logo viram nele um excelente meio de publicidade. E lá na Rua Es-

“
Ainda existe, não sei por que motivo, uma atmosfera diferente em torno do local, talvez feita pelo meu coração.”

tância, Augusto Luz esfregava as mãos, sorridente, vitorioso.

Outras ideias lhe surgiram. Como por exemplo, a “Matinée para todos”. em certo dia da semana, com o preço do ingresso mais baixo. Porém o ponto forte do Guarany residia nos seriados, os filmes em 12 episódios, o feitiço da menina. Ora, um filme em 12 capítulos, exibindo dois por domingo, como comple-

mento ao espetáculo principal, era uma garantia de bilheteria. E quando calhava acontecer um bom filme com o final de um seriado, aí a casa ‘pegava fogo’.

Foi o que aconteceu com “O Furacão”, protagonizado por John Hall e Dorothy Lamour, terminando com o final da série “Flash Gordon no Planeta Mongo”. Poucos sabem que Augusto Luz era um pintor nato. E foi ele mesmo quem pintou os cartazes do Furacão, como tantos outros. No dia da estreia, o Guarany ficou enfeitado de ponta a ponta, com folhas de palmeira, só para lembrar uma ilha dos mares do sul.

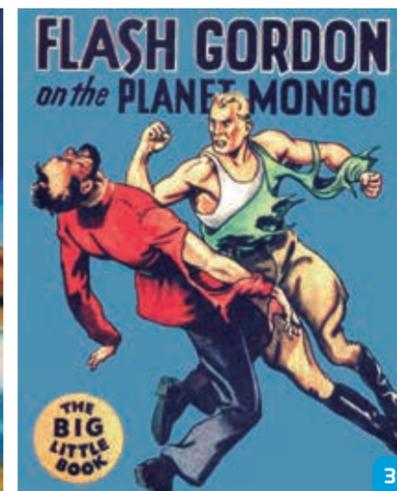
Era um domingo, naturalmente. No meio daquela multidão que subia a Rua de Estância depois do meio dia, enchendo os sapatos de areia, eu também seguia, dentro da minha roupa domingueira, o pensamento fixo em Flash Gordon. Como poderia ele escapar do foguete em chamas? Ora, talvez mais quente que o foguete de Flash estava o Cinema Guarany. Muito mais disposição do que o herói louro de Yale tinham os garotos de Aracaju que haviam comprado ingressos para a geral. Ali, os que se levantassem bateriam com a cabeça no teto.

Quando entrei, todos os lugares já estavam ocupados. Falavam 15 minutos para começar a primeira sessão, isto é, uma e meia da tarde! Espremi-me de encontro a uma das portas laterais, cruzei os braços e preguei os olhos na tela, já imaginando o desfecho. Um guarda ia e vinha



pelo corredor, levando estrepitosas vaias da plateia durante seu amargurado trajeto. Naquele tempo, guarda levava mais vaia do que doido. O baleiro, requisitado por mil assobios, era a única pessoa tranquila.

13:30 finalmente! Soa o prefixo do Cinema Guarany. Apagam-se as lâmpadas, seguindo os primeiros acordes da música imortal de Carlos Gomes. Mergulho, outra vez, no meu mundo



1. Cinema Guarany
Foto: Murilo Merisn

2. Poster do filme *O Jardim de Allah*

3. Poster do seriado *Flash Gordon on the Planet Mongo*

4. Paulo Silva e esposa

fixos no misterioso painel de instrumentos do foguete espacial, enquanto a belíssima Dale Arden, desmaiada, completava o ponto alto do seriado.

Muitos anos depois, fui ao mercadinho onde funcionava o Cinema Guarany. No mesmo lugar da tela, fora instalado um balcão de frios. Por onde passava o baleiro, a quem eu comprava bombons de hortelã, havia agora um caminho entre prateleiras altas. Onde ficava seu Augusto e Dona Yayá, na bilheteria, apenas ao som de uma registradora, cobrando, agora, de quem saía. Pagávamos para entrar, entrávamos para sonhar.

Ainda existe, não sei por que motivo, uma atmosfera diferente em torno do local, talvez feita pelo meu coração. Tirei o asfalto da rua, virei as costas para o mercadinho e vi, novamente, a Rua do Rosário empoeirada, cheia de cadeiras de vime na calçada. Uma casinha aqui, outra ali, mas todas unidas pela algazarra da criançada, pelas cadeiras dos velhos. Um Jardim de Allah em sua quietude de bairro pobre... Adeus, velho cinema Guarany! Adeus bondoso Augusto Luz! Um abraço, Dona Yayá! 

BALEADO AOS DOMINGOS

Paulo Fernando Morais



Meu nome é Durango Kid. No tempo em que eu era baleado, e até morria, nas tardes de domingo, o mundo estava dentro de mim para meu desprazer. Por isso eu criava o meu.

Tudo se passava de acordo com meus sonhos roteirizados. Eu, ator múltiplo, cuja mocinha me esperaria à noite, cheirando a Leite de Rosas. Contaria a Cynthia meu épico destemor, livrando-me das flechadas dos índios Sioux, correndo em cima de Estrelo, um cava-

linho que meu pai me deu e não tinha o menor entusiasmo para compartilhar minhas aventuras.

Jack, o Ruivo, chefe de um bando que roubava bancos, meu mais duro adversário, quase me vara de cheio com seu reluzente colt 45, por causa da lerteza de Estrelo, do seu estado de alheamento ao roteiro do filme, sua incapacidade de dar uma passada mais estirada.

Em algum domingo, avistei as palhas de cana dobrando-se, os papocos dos tiros; vi-me

diante de um grande perigo, passei a perna por cima do cabeçote e corri puxando Estrelo canavial afora, mas fui atingido apenas de raspão. Alcançamos um riacho que passava escondido da parte alta do canavial. Amarrei Estrelo no tronco de um cajueiro, agachei-me e assisti à bandidagem romper a poucos metros do meu esconderijo, atirando para cima, os cavalos com as bridas de zinco forradas de cobre reluzindo, os peitorais

estrelados, o instinto a mostrá-los como deviam se comportar num filme, e então empinavam a cabeça, as crinas drapejando, todo esse aparato cenográfico reluzia no esplendor da tarde, e lá se iam metendo os peitos, destruindo a plantação.

Cessado o troar dos açoites e da galopada dos bandidos, levantei-me aos poucos, alerta, olhando por cima do canavial, meu revólver de galalite na mão, dedo indicador no gatilho.

Havia escapado mais uma vez. Um feito, apesar da má vontade de Estrelo, o oposto de Raider, o espaçoso e voador cavalo de Durango Kid.

Perto de anoitecer, retornava às Pedras, onde morava, mas antes dava uma paradinha na casa de seu Ascendino, morador da fazenda Lá-Vem-Um, a meio caminho da usina. Um velho que usava uma perna de pau florida, à qual não me cansava de olhar.

- Matou muitos bandidos hoje, Kid?

- Fugiram pras bandas da Unha do Gato. Domingo eles vão ver.

- Ora, se vão, Kid.

- O negócio é que Estrelo não ajuda.

- Tá meio vadio, é preciso trabalhar mais.

- Vou falar isso com meu pai. Já é tarde, vou chegando. Até, seu Ascendino.

- Até, Durango Kid.

Potoc, potoc, potoc, potoc... 

